JULIO CESAR MACHADO

OS THEATROS DE LISBOA

ILLUSTRAÇÕES DE

Raphael Bordallo Pinheiro

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68, Praça de D. Pedro, 68
1875

B. P. L.

Ficha de compra

Tit.º Teatros(Os)de Lisboa

Autor Júlio Cesar Machado

Preço 60$00

Vendedor Livª Coelho

Data Março 1962

OS THEATROS DE LISBOA

Typographia Editora—Praça de D. Pedro, 67

Lx: 792
/MAC

JULIO CESAR MACHADO (1835-1890)

OS THEATROS DE LISBOA

ILLUSTRAÇÕES DE

Raphael Bordallo Pinheiro
(1846-1905)

Compra

R. 22.289 P.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA D. C. DIVISÃO DE BIBLIOTECAS BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

P. 431482/150915

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68—PRAÇA DE D. PEDRO—68
1875

BIBLIOTECA MUNICIPAL CAMÕES

AO DR.

THOMAZ DE CARVALHO

A ti que tens sido o meu amigo,
o meu mestre, e o meu companheiro,
dedico este livro.

SERVE só de inverno, como os capotes.

Em se espalhando por todos os lados a melancolia do inverno, ahi abre elle! Já de noite não se trabalha ao ar livre, já vem cedo as horas pa-

ra o serão. E' ainda tempo de fructa, mas já é tempo de nevoa.

Vão-se encarquilhando as folhas das arvores; já não cantam os passaros; adormecem as borboletas; esfriam as noites, compridas como os dias; vê-se entristecer a terra por sentir o que perde, ou de avistar longe de mais a primavera.

Ainda as flores estão bonitas, mas já não têem aroma.

E' a hora.

Abre elle as portas, soberbo, magnifico, e ao mesmo tempo sem ceremonia.

E' o theatro da côrte, mas póde, quem quizer, ir vestido para alli como para o quintal.

Bom edificio.

Sala magnifica.

Artistas que têem, entre outras, uma prenda muito agradavel para quem não é empresario, serem carissimos.

Nos camarotes, nas platéas, tudo gente conhecida.

Socratas, pae da philosophia, nunca sahia de Athenas. Nós, que não somos menos sabios que elle,—basta sermos todos conselheiros—não sahimos nunca de Lisboa, e por isso todos aqui nos conhecemos e saudamos:

—Sr. conselheiro!

—Caro conselheiro!

—Carissimo conselheiro, e amigo!

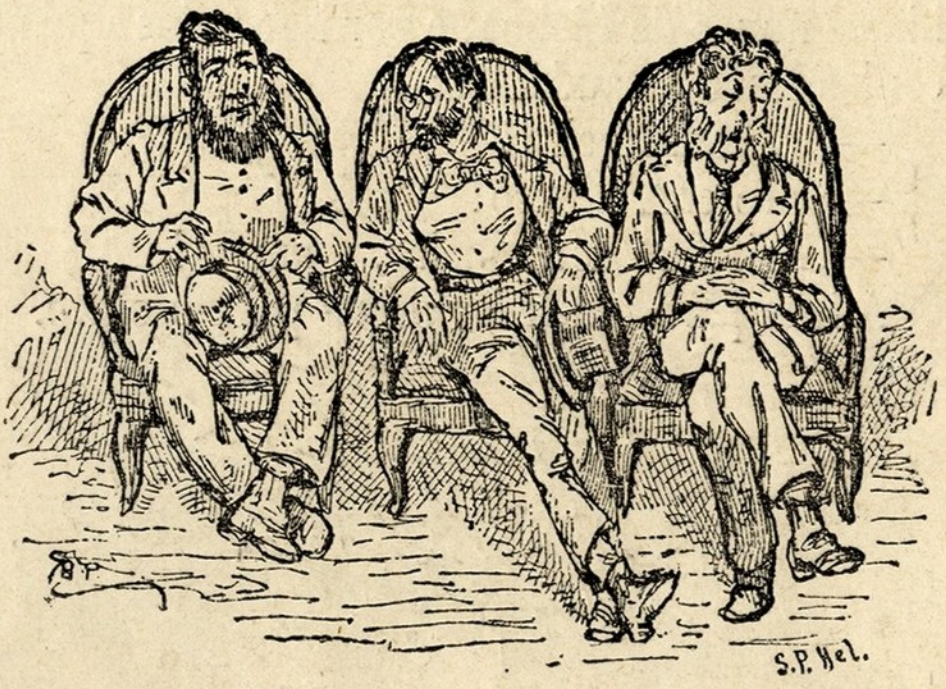
Adeus para um lado, adeus para o outro.

A familia portugueza.

Toda a nossa gente; parentes, visinhos, e amigos.

População fluctuante?

Dois brazileiros e um inglez.



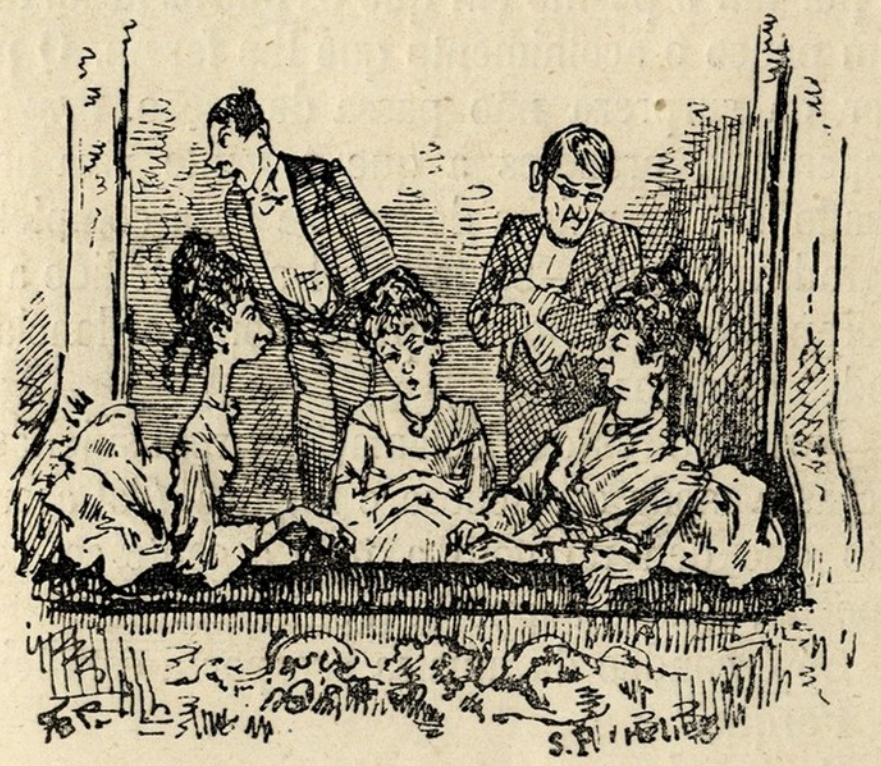
Muitas senhoras já na platéa, caladas,— mais caladas do que nós, apesar de costumarmos armar-lhe reputação de falladoras. Emquanto os homens grulham, cavaqueiam, cantarolam, interrompem como se fossem deputados... e estivessem na camara, estão quietinhas as senhoras, vendo e ouvindo, sem terem de se sujeitar ao preceito estabellecido para as senhoras nos outros paizes... de fallarem só quatro ao mesmo tempo.

BIBLIOTECA POPULAR DE LISBOA

Em S. Carlos não ha surprezas. Sabe-se de cór as operas... e os camarotes.

Sabe-se que hão de ver-se certas pessoas do

lado direito, certas outras do lado esquerdo, o nosso amigo fulano ao fundo.



Sabe-se que no segundo intervallo o sr. Sicrano faz uma visita ás senhoras Taes, e que a menina Esta vae no segundo acto para o camarote das suas amigas Est'outras.

Sabe-se quem é que não vae alli aos domingos.

Quem tem uma prima doente.

Quem está de vestido novo.

Sabe-se tudo. Nada nos apanha de surpreza, —e é muito bom assim. As surprezas não prestam. Todos nós o sabemos, e cada um á sua custa. Chegar por exemplo quando não se é esperado—mesmo sem ser marido—é máu; vae

uma pessoa gosando antecipadamente da alegria que julga causar por apparecer de subito, e por fim o pasmo em que os outros ficam tolhe um pouco o acolhimento que lhe fazem. O prazer da surpreza não passa de ficção. Prazeres esperados, prazeres a que a gente viva habituado são os unicos de que se gosa completa e agradavelmente—basta havel-os precedido a esperança e o desejo, tempêros por excellencia de todos os gosos.

Nos theatros de declamação vivem sujeitas as peças á moda caprichosa e fugitiva. Tal assumpto que deu no goto a toda a gente em certa épocha, não se supporta n'outras...

Só é condão da musica escapar a esta lei.

Porque?

Porque ha nas operas o que raras vezes se encontra nas peças declamadas—idealidade, poesia.

Nos dramas e nas comedias chamam-se os personagens:

Moita
Vasconcellos
Gaudencio
Ramos...

Nas operas chamam-se:

Ernani
Tancredo

Genaro
Polion...
Nomes de cheiro!

A prosa, que invade tudo, não poude invadir por emquanto aquelle palco.

Dizem-nos as primas-donnas e os tenores, em descantes admiraveis de brilhantismo e de paixão, o que é o amor, a ira, o ciume, a dôr.

Não entra n'aquelle tablado das lendas, nem o frack nem o paletot.

Nunca alli se viu um personagem de chapéu de chuva!

E' a capa de D. João, os fatos de seda e de velludo, tudo bordado de côres; grandes espadas e grandes plumas!

Os personagens são:
Imperadores
Pagens
Generaes romanos
Damas nobres
Principes
Cavalheiros
Trovadores
Reis!

Nas primeiras recitas de cada épocha, a maior parte do publico está no caso de um homem

que queria ser grande figurão, mas, por não saber muito dos usos da sociedade, tomára um criado que sempre havia andado em casas grandes, e dera-lhe ordem de coçar o nariz, disfarçadamente, discretamente, para o avisar logo que visse que o amo, como diz o outro, ia *dar raia*. Dizia por exemplo o homem, estando á mesa, á hora do café, a uma senhora que lhe ficára ao lado:

—Vae um caxarolete, minha senhora?

E o criado principiava a coçar no nariz, de fórma que o sujeito ficava de braços erguidos e garrafas no ar — sem se atrever a pôl-as outra vez na mesa, nem a deitar no copo os licores varios que compõem aquella bebida não direi de guerra... mas de *bernarda*.

Assim tambem tudo vae na recita de abertura, para alguns, de haver outro que entenda da obra, ou passe por isso, que seja auctoridade na platéa—... e que coce o nariz.

Se não lhes dão signal a tempo de que tudo vae bem, dão pateada!

Dão pateada logo; é sabido; e já não faz mal; entretem.

Os tenores, de ordinario, no primeiro anno em que põem o pé em Lisboa, pagam a patente. E' aguentar! Que remedio!? Assim tem sido sempre, assim será em quanto houver S. Carlos. E' da profissão dos tenores levarem duas tacadas, ou tres, em Lisboa, logo que abrem a bocca. Não sei até se já lhes põem isso na escriptura. O que vale é que estamos por pouco a livrar-nos d'elles; estão todos estropiados e a morrer. Destroço geral. Uns de cama todo o dia, a gemer, levantando-se á noite para cantar, outros alimentando bronchites pavorosas. Por ambos os pulmões já não ha nenhum que respire — a não ser o que nunca se queixou, nem os jornaes o deram com asthma, signal de que resiste e se conserva optimo.

Bruni

O publico respeitou-o sempre. Atravez das tormentas theatraes, por entre as agitações e os cataclismos das platéas turbulentas, este tenor escapou sempre incolume da furia e do rigor dos publicos.

Lisboa tem-o applaudido desde que elle tem uso de rasão: na infancia, na adolescencia, na edade adulta — e agora ainda, todos os annos, pelo entrudo, sempre que ha *Barbeiro de Sevilha* e que elle na parte do sargento merece os suffragios pelo garbo com que interpreta a musica e o personagem.

De uma occasião, sendo elle desde annos immemoriaes encarregado do papel triumphante do noivo na *Lucia de Lamermoor* — aquelle noivo que apparece de repente no segundo acto como um cogumello, e vae todo lépido de calça

com rendas a empalmar a noiva ao pobre sire de Ravenshow: tiraram-lhe esta parte, e passaram-o a simples guarda de Ravenshow, guarda do seu antigo rival; ó opprobrio!

Bruni pareceu sentir-se d'isto, e eu molhei a penna nas mais puras lagrimas e commemorei n'um folhetim este desaire. A' noite, encontrei-o no corredor do theatro, e, apesar de eu não ter n'esse tempo o prazer de gozar as suas relações, vi-o atravessar para mim, entreabrindo-se seus labios para despedirem algumas phrases.

—Mau! pensei eu. Temos obra. Vem pedir-me explicações, uma satisfação—como a gente diz. Vou ter uma *brunice!*

A este tempo, elle interpellava-me:

—Sr. Machado?

—A's suas ordens.

—E' o sr. Machado, escriptor?

—Faço por isso.

—Tenho duas palavras a dizer-lhe.

E puxou-me para um canto.

—Agora é que vamos *esbrunar-nos!* disse eu entre mim.

Uma vez ao canto, elle, chegando-se bem a

mim, e pegando-me n'um botão da casaca, expressou-se pelo seguinte theor:

—Querem tirar-me tambem o tabellião da *Somnambula!*...

—Ah!

Queria outro folhetim!...

Inventor, philosopho, commerciante—e sempre mais ou menos tenor, o que não quer dizer tenor de pouco mais ou menos—Bruni tem esmaltado a sua carreira de ephemerides curiosas, e percorrido—com facilidade igual áquella com que seu garganteado percorreu sempre a gamma—toda a vasta escala das tentativas e ambições humanas. Por isso sentem-se de algum modo uns poucos de Brunis na longa serie de anecdotas, em que prima a existencia d'este cantor da Italia, que chega a parecer notavelmente cantor portuguez, não direi na pronuncia... mas na voz.

Pouco depois de haver chegado a Lisboa, e dando-se em S. Carlos a *Gazza ladra*, Bruni lembrou com instancia á empreza que era justo darem-lhe a parte do judeu n'esta borleta deliciosa do velho papá Rossini.

—Porque é justo? perguntou-lhe Vicente Corradini.

—Porque sim.

—Porque sim, não é razão. Se tens resposta que o seja—dize.

—E' justo dar-se-me o judeu, porque fui eu que o creei.

—Creaste o judeu?
—Creei, sim senhor.
—Onde diabo creaste tu o judeu?
—Em Italia, per Bacho!
—Mas a *Gazza ladra* é mais velha que tu!
—Não é tal.

E', não é; discussão, altercação, brincadeira.

Tudo fica em bem, acredita-se na sua palavra honrada, e dá-se-lhe o judeu.

—E' teu o judeu.
—Obrigado!
—Vamos a ver o que fazes d'elle.
—Um phenomeno.
Fêl-o, judeu e phenomeno.

A rapaziada da geral de S. Carlos, que n'esses tempos era a flôr da elegancia, da bravura, e da extravagancia alegre—D. Alvaro, Luiz Forjaz, Manuel Browne, José Vaz de Carvalho, Antonio Shalback, Lima da Cardiga—fez-lhe um triumfo, applaudiu, gritou, pediu *bis*, e viva e viva!

Fechou o theatro no fim da estação sobre uma ovação d'esta rumorosa qualidade, e, quando chegou a nova epocha, querendo dar-se a *Gazza ladra*, dirigiu-se Bruni aos emprezarios:

—Senhores emprezarios...

—Dirá.

—Tenho a fazer uma reclamação á empreza.

—Qual é?

—Peço um fato novo.

—Como, um fato novo?

—Um fato novo para o judeu da *Pêga*.

—Pois o do anno passado já te não serve?

—Serve; mas não é proprio. Tive grande triumpho com este papel—e, além d'isso, para a verosimilhança da acção é necessaria esta despeza; os judeus são muito agenciadores, e é util fazer perceber ao publico que este judeu em quanto o theatro esteve fechado continuou sempre a locupletar-se e está já melhor de fortuna do que estava no anno passado.

Não havia resistir a razões tão solidas. Deu-se-lhe o fato novo.

Hoje, na *terceira secção*, acha-se *reformado* em corista, mas só apparece de vez em quando.

E' economico, morigerado, paciente, e laborioso.

Uniu-se pelos laços do matrimonio a uma das melhores engommadeiras de Lisboa. Tem um quintalinho; cria gallinhas, rega alfaces de

procedencia varia, e faz massa de tomate.

É finita la musica!

Quantas glorias artisticas conheceu elle e acompanhou!

A quantos Almavivas fez elle a continencia, n'aquella incessante romaria de celebridades em que o theatro de S. Carlos tem vivido sempre!

O Baldanza, o Miraglia, o Volpini, o Swifft, o Mirate, o Fraschini, o Mongini, o Nicolini...

E agora, massa de tomate.

Ah! S. Carlos é o theatro das tradições e das memorias. Quantas legendas n'aquellas taboas, n'aquelles logares de platea, n'aquelles camarotes, e, principalmente, n'aquelles camarins...

As velhas costureiras, de que a mais famosa morreu ha um anno, a illustre

Magdalena

gorda, obesa, suffocada em banhas e em rapé, creatura sem feitio que dava feitio a todas, figura sem sexo e sem edade que tinha o dom de tornar elagante qualquer *prima-donna* em fazendo gosto n'isso:—as velhas costureiras teem na lembrança os fastos d'aquelles camarins gloriosos...

—Aqui, dizem ellas, n'este camarim, esteve a famosa Novello, e depois a Castellan, e a Tedesco, e a Volpini, e a infeliz Pascal-Damiani que quebrou uma perna uma noite e nunca mais se levantou da cama senão para se tratar de um ataque de loucura, e a Giovanoni, e a Fricci, e

a grande Alboni,

—a cantora por excellencia, a priveligiada, a maravilha, que o Ruas nos trouxe.

Um prodigio!

A voz mais argentina e fresca!

Uma voz de rapaz a palrar com uma voz de rapariga... na mesma guela!...

A grande, a gorda, a rara Alboni!...

—N'aquelle, esteve a Pareppa e a Bianchi, e a Uberti, e a Dorr, e a Lablache, e a

Lotti...

A força suave! O poder facil!

A delicadesa vigorosa!

Nem fadiga nunca, nem esforço.

Um pouco fria, diziam; mas tão elegante e tão formosa! Qual fria! Não seria um brazeiro, estamos d'accordo; mas não seriam talvez os frialões os que mais se queixavam da frieza d'ella? Os ladrões, por via de regra, são quem mais gosta de gritar «Aqui d'El-rei!»

—N'aquelle, o segundo do lado da escada, estiveram a Gazzaniga, e a Bendacci, e a Massini, e a

Carlota Marchisio,
voz de *soprano* purissima, a *Norma* das feias.

Quando ella appareceu em Lisboa com sua irmã Barbara, houve um quarto de hora de surpreza.

Pareciam... dois homens! Dois homens feios!

Dois homens feios, vestidos de mulher!...

Mas a voz era tão agradavel ao ouvido, que... fazia fechar os olhos.

Permittiu-se-lhe, á famosa Carlota, uma das maiores temeridades, sem pestanejar de pasmo. Uma noite, na *Somnambula*, quando menos se esperava, appareceu de loira!

Este povo é muito hospitaleiro!...

e a Borghi-Mamo

—a voz com mais talento e com mais alma que tem acordado no nosso tempo os eccos de S. Carlos...

E estremecem as velhas costureiras, como se avistassem ao longe as sombras da gloria na nevoa do passado e na poeira dos camarins.

Ha artistas que nunca mais esquecem.

Uns, pelo sublime.

Mongini, por exemplo.

Mongini que teve entre nós todas as glorias; primeiro as do amor, e no fim, por um momento, as do odio.

Nas recitas finaes da ultima estação que fez em Lisboa, Mongini recusou-se a cantar, porque a ameaça publica rugia por ahi contra elle,

accusando-o de pouco amavel para com Portugal, por não haver querido cantar a opera d'um portuguez — *O Arco de Santa Anna,* de Francisco Sá Noronha. O grande tenor partiu de Lisboa como que dando a entender que não tornariamos a ouvir aquella voz deliciosa, cuja limpidez nocturna fazia sonhar com o luar, a banhar-se no orvalho que cae em perolas sobre as flôres! Tantas festas, tanto applauso, tantos triumphos, tanto phrenesi de enthusiasmo, ahi está no que deu tudo isso — n'um capricho! Tudo se quebra n'este mundo; é essa uma das melancholias mais profundas da existencia humana. Por maior genio, esplendor, mocidade e gloria, que tenha um homem, lá chega a hora em que os mesmos que o proclamavam inimitavel teem gosto em o amargurar. Talvez assim deva ser, para que todos tenham o seu dia; e toque a cada um passar por baixo da luz que brilha, como a onda pelo rastilho do luar antes de ir perder-se na immensidade escura...

Mongini tinha gosto pela poesia; era grande amador das lettras, cultivava-as como recreio, e estimava muito os que se distinguem com talento fazendo profissão d'ellas. Na manhã do dia em que partiu, fez estes versos aos seus amigos de Lisboa:

Addio agli amici

In mezzo a voi da gelide contrade
Men venni, or son sei anni sconosciuto;
Tali mi deste prove di bondate
Che ringragiai il Ciel d'esser venuto.
Ognor crescente si fu in voi l'affetto
Giammai conobbi il duol giammai l'affanno;
Voti formai d'amor, per voi nel petto
Che per andar di tempo non moranno.
Le Auguste Maestá pien di clemenza
Mi vollero onorar con distinzione,
Eterna serberó riconoscenza,
Ossequio, servitu e devozione.
Amici addio, giunto é omai l'istante
Ne so ove mi chiama il mio destino;
Che l'artista, per sua vita errante
Un limite non ha nel suo cammino.
Ma se varcassi l'Oceano intero,
Questa terra per me sacra, un sospiro
S'avrebbe del mio cor, che dal pensiero
Imille affetti suoi non si svaniro.
Se spietata una nube di dolore
Volle offuscar tant'anni di contento,
L'abblio la sperda, per quel tanto amore
Di voi in mezzo a cui grande mi sento!
Amici miei, anche una volta addio!
Sull' ali del pensier, vi giunga ardente
Dai patrii lidi il saluto mio
Il saluto dell' uom riconoscente.

Querido artista! Não consentiu a morte que elle voltasse a Portugal e que o publico lhe tornasse bem sensivel que aquelle momento de odio á despedida ainda havia sido tambem, de algum modo, amor!

Lisboa, que tem memoria rebelde e que ás vezes leva quinze annos a aprender um nome de que depois se esquece em seis mezes, tem retido es-

tas tres syllabas que durante seis annos tantas vezes soaram entre nós — Mongini. O artista privilegiado que á sua chegada a Lisboa soube luctar com todas as reminiscencias do publico, vence pelas saudades, que ainda agora todos temos d'elle, os tenores que teem vindo depois.

Se uns não esquecem pelo sublime, outros não esquecem. . . pelo ridiculo.

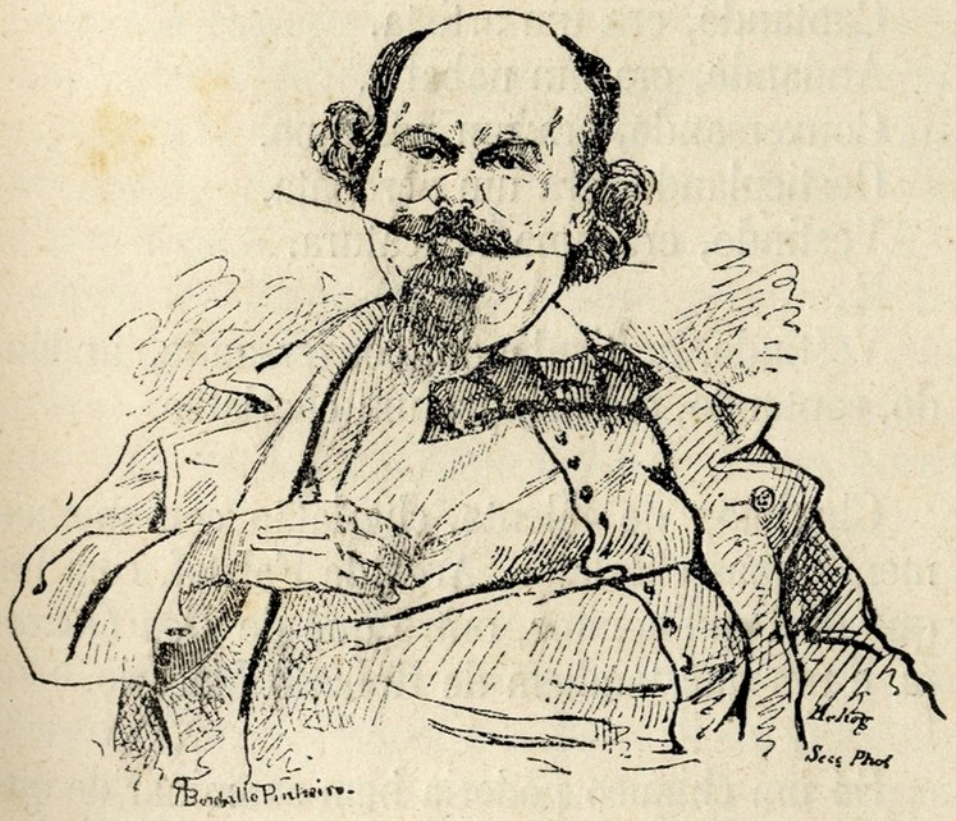
Cuida-se ainda estar vendo a

De Giuli-Borsi,

alta, magra, estitica, espalmada, voz larga, bocca mais larga ainda—bocca phenomenal, que a tornou mais citada do que o talento e do que o canto desde que, uma noite da *Traviata*, certa familia, que assistia á recita do alto de um cama-

rote de terceira ordem, poude avistar, durante os gorgeios de uma aria, no interior do estomago da *prima-donna*, um perdigoto que ella comera ao jantar!

Entretanto o mais original, o mais pantafassudamente original de quantos artistas teem pisado aquelle palco glorioso, foi decerto



Beneventano

Il cavaliére de Beneventano!
Il barone Beneventano!
—Um galant'uommo, como se diz em Italia. Affabilissimo, delicadissimo, suavissimo, can-

tando como ninguem a musica rossiniana—*il mio bravo interprete Beneventano!* dizia d'elle Rossini—correctissimo, affectadissimo, e *paspalhissimo!*

Beneventano era um *gentleman* emproado, mas era um *gentleman.*

Cantando, era um artista.
Andando, era um nababo.
Conversando, era um paladino.
Gesticulando, era um acrobata.
Vestindo, era uma caricatura.
E...
Vestindo, gesticulando, conversando, andando, cantando, era sempre um charlatão.

Charlatão de talento, charlatão com merecimento, mas charlatão. Ares de Falstaf, com um quê de Prud'homme, outro quê de *Don Quixote*, e um quê tambem de Roberto Macario.

Só um chimico poderia bem examinar de que singulares segredos se compunha aquelle *macassar.*

Porque era um macassar! No *reclame*, na fama, no brilho, na suavidade, no oleoso, na importancia.

«O' sublime macassar!» diz Byron no *D. João.*

A guarda roupa d'este *dio del canto* era assombrosa.

Tinha setenta casacos, e vinte e dois paletós. Só em colletes novos, renovava o painel das onze mil virgens!

O nosso conhecimento fez-se de um modo curioso. Eu escrevera muitas vezes a seu respeito dando-lhe o louvor de que era digno—mas sem a foguetada de elogios a que os artistas vivem habituados na imprensa. Os meus folhetins—e n'esse tempo eu estava só em campo, e a *Revolução de Setembro* era o unico jornal que tinha revista critica da semana—cahiram-lhe em graça, e constava-me, ora por um ora por outro, que o divino Beneventano me fazia as melhores ausencias.

De uma occasião, intendeu talvez que isso não era bastante, e recorreu a um expediente curioso. Em nos encontrando no Passeio Publico, eu sosinho ou com algum amigo, elle com sua mulher, uma ingleza enxertada em italiana, baixinha, branca, brilhante,—e em numerosa companhia ás vezes de artistas ou de diletanti, que se recreavam em fazer com elle a *passeggiata*; em nos encontrando, já elle dizia para o seu rancho, indicando-me bizarramente á sua illustre comitiva:

—*Il nostro sympathico!*

Eu fazia-me côrado, ficava sem saber se devia tirar o chapeu a agradecer, e ia seguindo o meu caminho n'uma vaidosa perturbação.

D'alli a dois dias, viamo-nos outra vez, e, sem comprimento, sem paragem, sem mais tir'te nem guard'te, Beneventano deixava cair magestaticamente de seus sublimes labios estas palavras, meu enlevo e minha gloria:

—*Il nostro sympathico!*

Eu tinha vinte annos; e, quando elle me disparava esta amabilidade á queima-roupa, deitava umas olhadelas á mulher, que era lindissima, em que se me iam os vinte annos todos.

No dia de um folhetim a proposito da *Semiramis*, o plumoso...—não, o encasacado cantor, foi a minha casa. Grande conversação, grandes *shake-hands*, e *brava*, e *mille grazzie*, e *tanto gentile;* ficámos com uma amisade de pedra e cal.

N'uma tarde humida d'esse inverno, estando em sua casa e querendo vir para a minha, oppôz-se elle galhardamente.

—Jante comnosco!

—Hoje não póde ser.

—Póde, sim.

—Não póde, não.

E, quando ia a despedir-me:

—Meu caro sr. Machado, repare que está choviscando!

—Não tem duvida.

—Vem sem paletó, e eu não consinto que sáia d'esse modo! Na minha vasta guarda-roupa, e bem deve saber até que ponto o barão Beneventano leva o capricho e a novidade nas *toilettes!*—ha mais de um sobretudo, que deva convir-lhe.

E, mettendo-me o braço e levando-me pe-

las casas dentro, o galantuommo ia dizendo:

—Temos o paletó D'Orsay, assim chamado por haver sido o famoso conde que lhe deu nomeada! E' amplo, é soberbo, mas tem o forro pesado de mais. Não lhe convem talvez...

Eu ia fallar.

—Temos o elegantissimo *brummell*, paletó para de dia, tirando o nome do nunca esquecido Georges Bryan Brummell, rival em gloria dos Lausun e dos Grammont...

Eu queria dizer uma coisa.

—Temos o paletó Galles, o que ha de mais distincto, o sobretudo predilecto do principe Georges IV... Casimira branca, botões grandes de sêda, cintura marcada... Este é que ha de ser.

E tirava-o do cabide, e vestia-m'o, ao pronunciar taes fallas.

O paletó era enorme para mim. Dava-me a cintura no sitio em que as costas mudam de nome...

Um pouco vexado, um pouco indeciso, não tive remedio senão acceitar, e sair.

Na escada despi-o logo, e, com elle no braço, fui para o Chiado. A chuva apertára mais, recolhi-me na loja de papel do Pereira, onde es-

tavam recolhidos tambem uns poucos de homens mais ou menos meus conhecidos.

D'alli a pouco, quem ha de passar? Beneventano.

Beneventano, que, ao ver-me, entra na loja, e vivamente surprehendido me diz:

—Como! Sr. Machado! Despiu-o!!!

—Para o não estragar! respondi eu balbuciando.

—Qual estragar!

E elle ahi m'o veste outra vez, diante d'aquella gente toda, que sustinha difficilmente o riso ao ver-me mettido n'aquella *galère!*

Beneventano tinha por entre os seus ridiculos, um talento de artista. Era *estapafurdio*, era

affectado, fazia jogo de attitudes para qualquer coisa, mãos para o ar como quem desafia os elementos; braço esquerdo erguido como quem conjura; corpo dobrado e mãos para o chão como quem se espoja em caturreira tragica... Entretanto, o diabo do homem, *poseur* ou não *poseur*, era um artista. Ninguem lhe era superior no *Moysés*, na *Semiramis*, no canto ornado.

Um homem profundamente ironico, desde-

nhoso, que mettia tudo á bulha, e que respeitava poucas vezes alguem ou alguma coisa, disse-me d'elle uma vez:

—Não se póde ser tão charlatão de theatro sem fazer do canto o que elle faz, nem se póde fazer tanto em musica sem ser charlatão! E' inevitavel.

Este homem era

Coppolla

O famoso Coppolla, que durante muitos annos regeu a orchestra de S. Carlos, um dos raros de quem póde escrever-se a palavra

Maestro

sem a penna espirrar... nem o nariz do lei-

tor—com o riso, o que nem sempre acontece a respeito de alguns dos *maestros* que por ahi temos quasi sem dar por isso, e cuja existencia e prendas os reclamos dos jornaes—mais do que suas obras—affirmam.

Coppola parecia no ultimo tempo sobreviver a si proprio e passeiar por Lisboa a sua indifferença e o seu «não se me dá!» como se lhe estivesse ausente a alma.

Entrar na multidão depois de haver sido um nome, e perder-se na turba como se nunca tivesse sido nem illustre nem famoso: deixar apagar a inspiração no cerebro e a aureola na fronte, passar ao lado de todos, pelo meio de todos, egual a todos: ter sido illustre e querer ser *ninguem*—parecia o intento d'este talento desilludido da vida e da gloria.

Jámais alguem o desdenhára, nem fôra injusto para com elle; não devia sangrar-lhe o coração pela ingratidão do publico, ao ponto de ter de revoltar-se e de protestar; a *Sannazáro* reverdecêra a *Nina*, a *Borghi* suspirara-a entre applausos. Não houvera affronta; não cumpria esperar o dia da reparação; a empresa de S. Carlos considerava-o muito; os seus amigos nunca deixaram de se sorrir para elle e de apertar-lhe a mão em o encontrando.

O que era então, e de que provinha essa melancholia incuravel? Fugira-lhe o talento? Perdera o dom? Não produzia já porventura a

si proprio o effeito que produzia ainda nos outros?

Ha estrellas fixas, cuja luz leva milhares de annos primeiro que chegue até nós, e a que não poderia observar-se d'aqui o escurecer senão em centenas de seculos. Quem sabe se uma d'essas estrellinhas que a gente admira nas noites serenas não haveria sido arrancada do pavilhão celeste pela mão mysteriosa, no dia da creação do nosso globo...

Ainda o olhar se deslumbra ao vel-o; mas o pobre astro caído lá sabe, de si para si, que lhe tiraram a corôa, e vae indo aos tropeções, opaco e triste, para o fundo turvo da humanidade...

Assim eu cuidei muitas vezes quando o via no theatro, nas ruas, na casa Podestá—se succedia encontrarmo-nos á mesa d'essa amavel familia—assim eu cuidei ao observar o modo vago e distrahido d'elle, os ares de absorto n'uma idea, ou de indifferente ao deixal-a fugir-lhe, que —guardadas as proporções de um sol a uma cabeça, fosse esta a historia do talento de Coppola.

Uma occasião apenas, ao cantar-se em S. Carlos o *Stabat Mater*, em que uma das Marchisios, a Carlota, tão extraordinaria, tão prodigiosa foi! —elle pareceu accordar com aquella musica; de tudo o que escreveu Rossini o mais sublime e

superior vôo do seu genio. Era natural! Haviam sido amigos, os dois maestros, vivendo annos em boa intimidade artistica; o auctor do *Barbeiro* estimára sempre muito a *Nina*, preoccupára-se em querer saber como fôra que tinha vindo aquella idea a Coppola; haviam estado na fama pela mesma epoca; e, pelo mesmo tempo depois, se haviam calado;—Rossini permanecendo sereno, descuidoso, ironico, no centro d'aquelle pandemonio de Paris, sem querer compôr senão algum prato rossiniano, elle de quem se fallára tanto como de Napoleão, elle o primeiro dos artistas vivos, deus moderno que se enfastiára das honrarias, da gloria, dos triumphos, rindo-se de tudo menos do prazer da mesa;—Coppola, ficando em Portugal n'uma existencia nomada, da rua do Alecrim para as Larangeiras, das Larangeiras para o Farrobo, convivendo com os artistas, entretendo as noites no theatro, ou em reuniões, não escrevendo nunca, não pensando em si, não tolerando quasi que lhe fallassem d'elle!

Hoje lá está em Catanea director do Conservatorio. Chamáram-o d'alli os seus amigos e uma irmã que tinha. A irmã offereceu-lhe a casa e os bens que possue;—Coppola não tinha nada, era um philosopho, gastava o que tinha no jogo e nos amores. A irmã exigiu-lhe como unica condição que casasse com a mulher com quem

vivia, e que a levasse para lá com os filhos. Isto ia dando com elle em doido.

—Casar-me aos sessenta annos! Que idea! Com uma mulher que eu conheço tanto!... Não posso!...

Sempre poude. Casou, partiu. Lá está para Catanea.

O outro director da orchestra

Guilherme Cossoul

dava em applicação, em assiduidade, em attenção e em paciencia quanto bastasse por dois. Eram-lhe incumbidas as operas difficeis, que requeressem grande numero de ensáios e aquella

dedicação e perseverança que não quer ser paga n'outra moeda senão a gloria de agradar e de vencer.

O publico teve sempre confiança nas operas dirigidas por Cossoul; e os cantores iam para a scena com esperança e fé, em elle estando de poleiro no meio dos musicos, ou antes por cima d'elles, no seu estrado de honra. Quando se interessava por alguma artista, fazia taes pro-

digios com a *batuta*, que a maior parte da gente incapaz de comprehender a paixão da arte julgava-o namorado. Foi assim que se espalhou que elle ia casar ora com uma prima-donna, ora com outra, e, em cada anno lhe attribuiram noiva, até que a ultima cortou a legenda no melhor do boato, a

Cantora Harris

Miss Harris;—para que dizermos «mademoiselle» sendo ella ingleza?—que foi por um anno o acontecimento *great attraction*. A sua voz e a sua pessoa dominavam egualmente o publico. Cantava com agilidade prodigiosa, e os medicos do theatro andavam muito inquietos para averiguar se ella tinha a Patti na garganta. Que edade? Os calumniadores davam-lhe vinte annos. Mas, tinha deseseis, creio eu: tinha-os porque os parecia ter. Deseseis annos! Os egypcios gosta-

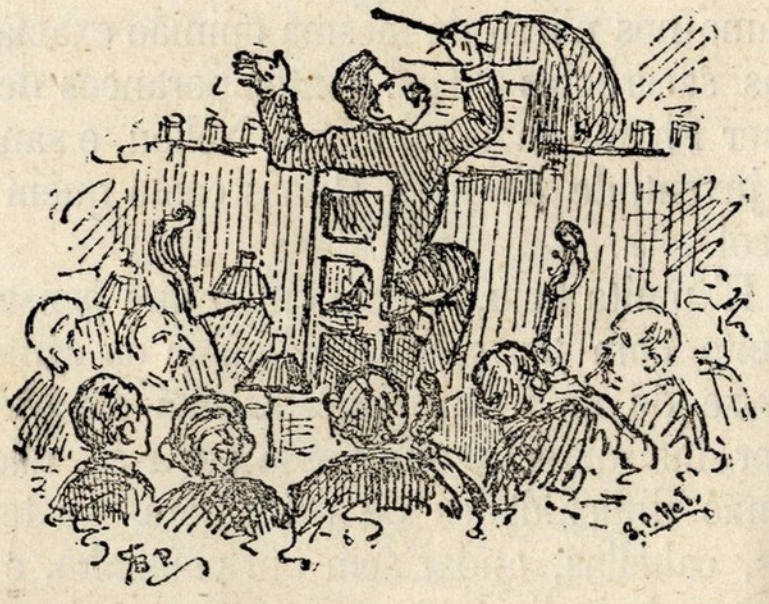
vam muito d'este numero, e fizeram d'elle emblema de voluptuosidade na sua escripta hieroglíphica; nós apezar de portuguezes e de vivermos debaixo do regimen da Carta Constitucional, mostrámo-nos n'isso da mesma opinião exactamente dos sacerdotes d'Isis, contemporaneos de qualquer Pharaó mais ou menos Nekau, e saudámos a juventude de miss Harris como quem sauda o sol.

E' muito bom,—pois então que pensam?—muito bom ter grande agilidade de canto, servir-se de uma voz educadissima como do melhor instrumento que possa ouvir-se, não fazer senão difficuldades de professora—e ter dentes, cabellos, andar sem um pausinho, e poder pôr-se de joelhos em scena sempre que seja necessario, sem virem dois moços ajudal-a a levantar.

De ordinario quando as primas donnas chegam a cantar com esta perfeição podem ainda comparal-as quanto quizerem a rouxinoes,—mas já lá fica ao longe a primavera!

Foi todavia rapido, momentaneo, o triumpho para com esta cantora. No segundo anno ninguem deu por ella, e fez-se gosto em a desgostar do publico. Ella então,—dir-se-hia a *vendetta* corsa—voltou as costas ao theatro, mandou chamar o rabbino e casou com um cavalheiro israelita que costumava ir namoral-a da platéa.

Guilherme Cossoul nem dava por estas coisas.



Qual!
Ia regendo a orchestra.
Ia ensaiando os cantores.
Ia trabalhando.
Gravemente.
Austeramente.
Diziam esses excellentes italianos, ponderando a sua seriedade:

—Quanto é de sisudo!
—E' um modêlo!
—Tão moço, e já sem se rir!

Depois, fóra do theatro, ia sendo bom-

beiro, e, ainda mais que bombeiro, *bombista!*... isto é, brincalhão, farcista, trocista, cassoista!

Um Vivier, sem a trompa.

E isto apesar do trabalho, da seriedade,—e até da gotta, de que elle não soffre pouco.

Ha casos em que sempre se tem medo d'elle como do diabo, por seus artificios e maleficios.

A poder de phantasias e ratices chega a attin-

gir por vezes aos olhos da boa gente proporções

phantasticas...

Dir-se-hia que tem pés de gancho, e que exhala de toda sua pessoa um cheiro de enxofre...

Póde ser a alegria das creanças, mas não é o socego dos paes.

Os menos prudentes, tão depressa o veem apparecer, tomam desde logo precauções injuriosas.

Se é no campo e se elle vae estar de hospede na mesma casa em que estejamos, tem uma

pessoa todas as noites de visitar o quarto, abai-

xar-se, vêr bem por baixo da cama, remecher

os moveis, sondar as paredes, tapar o buraco

da fechadura, dar tres voltas á chave e guar-

dal-a segura.

E apesar d'este luxo de precauções ainda se

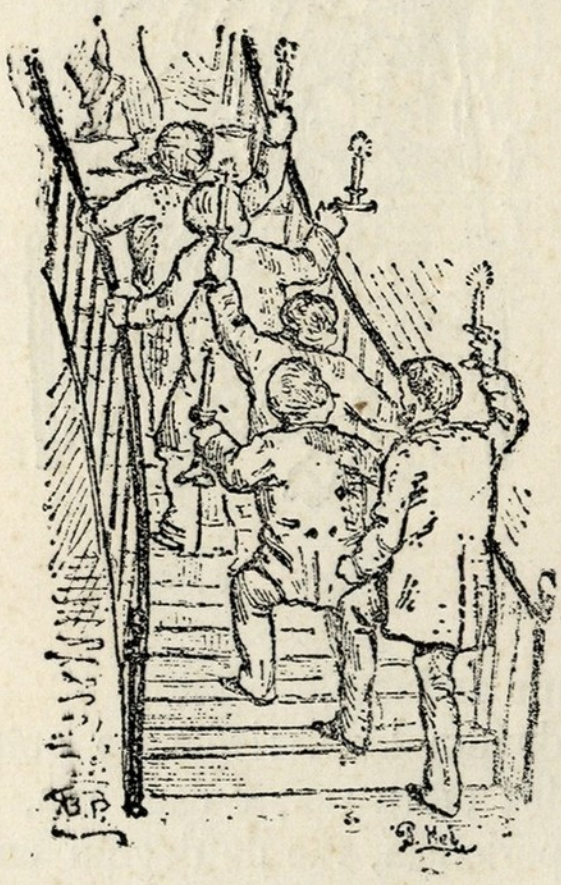
fica inquieto...

—Se elle por ahi apparecesse...

—Não; não pode ser!

—Entretanto está uma pessoa assustada, como Ulysses quando ouviu rebolar o rochedo com que Polyphemo lhe fechou a caverna...

Principiam sempre as hostilidades quando os convivas, munidos cada um com a competente palmatoria e vela de stearina, vão tran-



quillamente para os seus quartos.

Cahe de repente em cima d'elles uma chuva de travesseiros e de almofadinhas, que apa-

ga de repente as luzes.

Pragas de um lado, risóta do outro, lá se accende a luz outra vez; e cada um, instruido já pela experiencia, vae de degráu em degráu abrigando a chamma com mão protectora...

Em se estando deitado, misericordia divina! recomeçam as estrepolias com uma insistencia

de que não ha precedente na historia dos povos.

O armario dos irmãos Davenport era menos complicado do que as peças que prega a todos este gaiato mór do paiz.

Desgraçado de quem não tiver cautella com elle. Está perdido.

De varias occasiões, nas Caldas da Rainha, onde elle se achava a fingir que tratava da sua gotta impertinente, fez coisas incriveis a homens pacificos, incapazes de suspeitarem que elle armasse laços de tal ordem á sua inexperiencia.

Uns ficavam sem sôpa, outros ao recolher do Club encontravam-se sem a chave do trinco, e tinham de arrombar a porta, ou de ir pedir, á uma hora da noite, uma escada para trepar e entrarem pela janella...

No meio de uma noitada de folia e de risota,

quando o nosso commum amigo P... que o ha-

via acompanhado áquella excellente villa para tratar de uns padecimentos rheumaticos que ás vezes o entreteem menos agradavelmeute do que poderia ser, iá deitar-se, promettendo a si proprio dormir emfim umas poucas de horas socegado, o nosso homem metteu-lhe um castiçal nas mãos, e disse-lhe com expressões cortezes, porém maliciosas, que lhe desejava uma feliz noite acompanhada de sonhos suaves e propicios...

Levou a sollicitude a um ponto, que se tornaria suspeito a um espirito de menos lealdade

e boa fé do que o do nosso amigo P.

Elle não, achou tudo naturalissimo, e a sua extrema confiança o perdeu. Despiu-se de vagar, como quem saboreia antecipadamente as

delicias do repouso. Pendurou o fato nas costas da cadeira.

Assoprou a luz.

Metteu-se pela cama dentro.

Sem se estender todavia, para concentrar o calor do corpo n'um espaço menor.

—Ah! dizia entre si. Quanto é agradavel! Doce e benefica invenção da cama! Não é homem de juizo, o que não souber apreciar este bem! Lá o diz o arabe: E' melhor estar sentado que em pé, é melhor estar deitado que sentado!...

E todo elle era satisfação.

Em seguida, por ir a dar-lhe o somno, e já disposto a cerrar definitivamente as palpebras, procurou a attitude em que deveria encontrar-se de manhã ao acordar.

E estendeu as pernas...

N'esse instante invadiu-lhe o corpo todo uma sensação desagradabilissima.

Entornára-se-lhe nos pés um alguidarinho cheio de agua, e ia já a chegar-lhe aos quadris proporcionando-lhe um banhosito glacial.

Saltou para o chão, aos berros; acudiram-lhe; e o rumor publico accusou o nosso heroe de ter a culpa d'esta vasta historia, emquanto o pobre amigo, a praguejar contra a sorte e contra os humanos, levou a noite a tiritar n'um canapé!

Perguntam-me se tem virtudes?

De certo as tem. Excellente moço, excellente

filho, e muito bom musico.

Mas—não acima de tudo isto, porém a par de tudo isto—muito bom brincalhão, o que quer dizer um brincalhão infernal, inaturavel ás vezes.

Que alegria permanente, que humor caçoista! Em elle me encontrando na rua já finge evitar-me, corta para o lado opposto de repente, volta ainda, torna a ir, vem de tombo cair sobre mim,

pede mil desculpas, mette-me o braço, e diz-me placidamente se é no verão:

—E' o primeiro dia de calor que faz este anno!

Ou, se é de inverno:

—E' o primeiro dia de frio que temos!

Depois, mesmo de braço dado commigo, não perde de vista os que vão e veem. Finge que escorrega sobre um, faz como se estivesse preso por um botão ao chaile de uma senhora, larga a mostrar-me nem elle sabe o quê, apontando para um quarto andar; e d'alli a nada toda a gente principia a olhar tambem para o quarto andar...

Todos riem, todos lhe acham graça, todos gostam d'elle,—e ha deveras razão para isso porque ninguem fica triste na sua companhia. Elle aproveita essa occasião para fallar serio por tres minutos, e quando todos lhe prestam a attenção mais profunda, salta elle no collete de um amigo que por alli passa e grita-lhe fulminantemente:

—A minha cadeia e o meu relogio!... Oh!... Até que os encontrei!...

Eu tenho medo d'elle como de apanhar sol...

E entretanto, em se estando tempo sem o vêr, ou em os jornaes dando noticia de que a atroz, barbara gotta, o está pregando á cama, todos nós volvemos um pensamento de saudade ás alegres estroinices, infantis, innocentes, d'esse

moço, que se distinguiu sempre pelo seu merecimento, e por um *chic* especial de graça e folia.

Folia, que parecia dever empallidecer na presença da alegria ruidosa, communicativa, do mais agradavel e espirituoso companheiro que póde achar-se,—hoje rotundo, mas sempre gentil, gordo e agil, bem nutrido e bem posto, feições de uma frescura, de uma quasi meninice immorredoura, perna curta, arqueada, e forte, hombro intrepido, barriga de banqueiro elegante, côres sadias, pequenino bigode á Cherubim, meio anjo meio Artagnan, um elegante enxertado em empresario, esperto, lesto, vivo, audaz:

Valdez

Ah!

Cuido ainda estar a vel-o nos tempos em que elle se apeava de um cavallorio immenso á porta da Eschola Polytechnica! Um pequenito armado em cabo de esquadra; fardeta apurada, golla a estoirar-lhe o pescoço atochado e curto; baixinho, buliçoso, e vivaz; rosto de feições delicadas, regularissimas, pelle fresca e rosada, olhos de extrema sagacidade...

O nome illustre da sua familia, e a graça que em todo elle respirava, ganharam-lhe facilmente entrada segura no mundo.

Tinha a seu favor mil coisas.

Era moço.

Bem parecido.

Bem educado.

Intelligente.

E... rico.

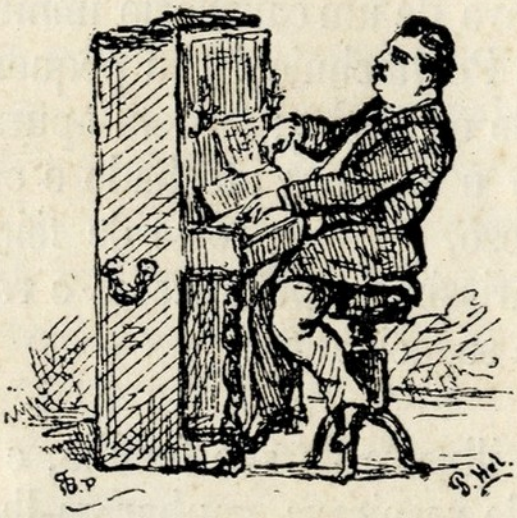
De todos os talentos, este ultimo, sempre o melhor.

Estudava o seu primeiro anno de mathematica de manhã, e cursava o Marrare pelo dia adiante.

Como o fadára Deus com uma delicada aptidão para a musica, principiou a ser dilletante, accumulando as distincções de grande amador ao piano, e entendedor de arte e de artistas no theatro.

Um pequenóte terrivel!

Tocava piano com extremo gosto, sentia e ex-



pressava a musica dos mestres; protegia ou anniquillava as celebridades de S. Carlos.

Foi o anjo da guarda de Nery Baraldi, e da Tedesco!

Capitaneava janotas, era o heroe da platéa, fazia artistas como Warvich fazia reis.

Foi-lhe apparecendo o buço n'estas lides.

Conhecido em Alcacer pela sua familia, foi sempre tratado alli como o menino bonito, o herdeiro, o fidalgo, o *menino Campos*. — Em Lisboa, o *menino Campos*, freguez por excellencia do Marrare, e terror do theatro lyrico, era o sr. Valdez.

Com os annos, com a experiencia, com o desenvolvimento no trato da vida, foi passando a Campos Valdez, e fez-se empresario.

Desde esse dia, representou sempre a boa administração theatral nas suas relações com a

arte e o gosto. Ninguem como elle, para arranjar e accommodar as difficuldades, os embaraços, as dissenções, que ha sempre entre empresa e artistas. O publico não sabia nunca d'essas combinações, e via só o resultado; que importa de que modo é feito o guisado, em o jantar sendo bom?

Cedendo nos pontos secundarios, inflexivel nas grandes luctas. Não concedendo de mais ás exigencias do publico, nem ás commodidades dos artistas, e andando sempre entre uns e outros ora como um advogado, ora como um *dilletante*.

Conhecendo perfeitamente que era preciso de vez emquando lembrar-se de que a multidão não gosta de correr sempre para o sublime, e teima de vez emquando com alguma pretenção prudhommesca.

—O que querem os senhores? perguntava-lhes elle. Estão fartos da *Norma*, da *Somnambula*, da *Favorita*, da *Africana*, dos *Huguenotes*: desconfio que estão a appetecer o *Eurico!*

—Estamos, sim! dizia-lhe a imprensa e a platéa.

—Pois vamos a elle.

E dava-lh'o; dava-lh'o para não lh'o pedirem mais.

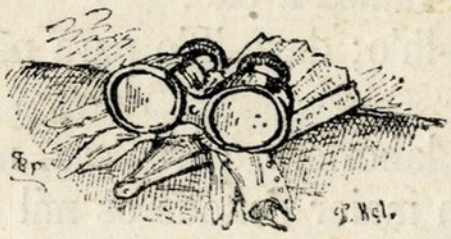
Activo, laborioso, perspicaz, ninguem venceu ainda com maior denodo os mil embaraços que

a todo o momento se levantam no palco e na sala de um theatro lyrico.

Conhecendo o publico e os artistas, sabendo entreter ambos, e alcançar de ambos quanto queria, amavel, cortez, engraçadissimo, obtinha da primadonna uma opera a mais, do tenor uma opera a menos (para a dar ao outro e contental-o) sem empregar para isso senão o seu modo jovial, communicativo, que desarma pelo chiste e pelo tom irresistivel e attrahente de mocidade.

Valdez foi durante annos o typo curiosissimo do empresario cavalheiro e rapaz; gostando de musica, de boa mesa, de bons vinhos, de conversação, de alegria; gostando de viver emfim, e sabendo como se vive, sem egoismo, sem vistas mesquinhas, rasgadamente; tendo amigos, gostando de os ter, e merecendo tel-os. Como empresario conseguiu saber-se entender com o governo, com o Estado, com o publico, com a nação no que ella tem mais intelligente e distincto entre os seus membros, e foi sempre o representante do S. Carlos antigo, theatro aristocratico e estroina.

Foi o Medicis do theatro lyrico em Portugal!



AL fadado.

Abriu para fechar: primeira ratice!

Em 49, no dia dos annos do sr. D. Fernando, que ainda não era rei artista, mas que era rei bom homem, sempre prompto para aturar qualquer representação de principio ao fim, em companhia da sua familia, com vivas demonstrações

de agrado, inaugurou-se o theatro, dando a traducção de uma peça franceza, *O sr. de Dumbiky*, que levou a mais formidolosa pateada por entre todo o regosijo d'aquella noite de gala, pateada que foi a unica coisa que se ouviu bem — porque do que os actores disseram pouco se percebeu, queixando-se por isso o publico e a imprensa de que o theatro não era acustico.

Fecharam-o no dia immediato, fizeram-lhe novas obras, pozeram aqui, tiraram alli, — ficou peor, e abriu com o *Magriço*, drama historico de outro, de outro *magrico* — chamado Aguiar Loureiro, um litterato que rebentou como um cogumello considerado venenoso, e não se dei-

xando saborear, a poder dos abrimentos de bocca que suscitava.

Refrescáram aquelle caso com os *Dois renegados*, do sr. Mendes Leal, que foi por muito tempo o drama de salvação para onde appellavam as jangadas theatraes. Cantou ainda a xacara a sr.ª

Tallassi

e foi como que o despedir do palco para essa actriz que havia sido a Mademoiselle George de Portugal. Mulher esbelta, formosa em tempos a que o meu olhar nunca alcançou, instruida o sufficiente para não escalavrar o estilo aos auctores, dando-se o *chic* de arranhar o seu bocado de francez—prenda n'essas epochas mui citada—, traduzindo uma comedia ou outra nem melhor nem peor do que sempre em geral por cá se fez, e ostentando uma reputação de virtude que chegava para a companhia toda, a não querer aspirar ao premio Montyon. As familias indicavam-a a dedo; e diziam com veneração:

—E' uma senhora.

Isto queria dizer que não mudava de amante como quem muda de luvas, e que fazia gosto em dar um exemplo ao mundo de que tambem no tablado póde haver Lucrecias.

O que tornava ainda mais pesada a idéa d'aquella virtude famosa, era o tom em que a actriz declamava; antiga escola, escola da cantilena, do sublinhar de intenções, dos grandes tons, e grandes geitos e tregeitos. Tudo affectado, assoprado, maneirado, tudo grandiloquo, tudo magestatico!...

Não cheguei a poder formar idéa clara do talento d'esta artista; isto é, já ella não representava os seus verdadeiros papeis, quando a vi; e n'esses em que ainda cheguei a vêl-a, os *Dois Renegados* por exemplo, tinha de combater a edade, a estatura, a nutrição, e de sujeitar tudo isso a parecer-se com uma donzella de dezeseis annos, apaixonada, ternissima, ideal, toda suspiros, ais d'amor, balladas, delirios...

Morte e affronta ao assassino,
Morte e affronta ao renegado!

Era difficil...

E oxalá fôra impossivel!

Isto não impede, e folgo de lhe render esse tributo de justiça, que ella de uma occasião me haja produzido uma impressão profunda e commovente.

Encontrando-a um dia no Rocio, logo depois da lei da reforma a haver afastado do theatro, e suppondo que ella propria estimaria isso, dei-lhe os parabens de estar livre do tablado. As lagrimas que lhe rebentaram espontaneas e copio-

sas, fizeram-me comprehender toda a singularidade da exasperação dolorosa de uma artista, que sobrevive a si propria, passeando pela cidade.

A morte parecer-lhe-hia pouco, em comparação de similhante desgraça: ao menos, ao seu tumulo iriam lançar-lhe corôas.

Tive pena sincera de ver o espectaculo d'aquella angustia. Fôra em Portugal a mais considerada, a mais respeitada artista, e custava-lhe a entrar para a multidão depois de haver sido *in illo tempore* o assombro d'ella. E' comprehensivel esta magua; mais que comprehensivel, respeitavel; mas respeitavel nem sempre quer dizer attendivel, e, apesar de estarmos no paiz das reconsiderações, não intendeu nenhum commissario regio reconsiderar sobre o caso, fundando-se em que tambem o tempo não queria reconsiderar remoçando-a outra vez. O peor é que, apezar dos defeitos da sr.ª Talassi, as actrizes que apparecem agora nem d'esses defeitos são capazes!

Pelo genero, pelas predilecções, pelas qualidades, e até pelos deffeitos, foi a actriz do seu tempo; foi-o tambem por outra circumstancia ainda, pela estatura.

Os artistas eram quasi todos grandes n'esse tempo.

Theodorico velho.

Theodorico sobrinho, que é esse que ainda hoje ahi temos.

Ventura

Victorino, Tasso, Vianna, Lisboa...

Este ultimo era mais do que alto, era gigante.

Imaginem a sr.ª Tallassi, esbelta na scena, merecedora de um namorado que arrancasse arvores e usasse, como Pichrocolo, de um homem

em ar de bengala, imaginem-a em scenas amo-

rosas com um heroe miudo, que em possança e dotes phisicos lhe fosse notavelmente inferior!

Já tenho ouvido contar aos que teem experiencia d'essas coisas por sua vida aventurosa e prendas bem fadadas, que na vida real são os contrastes o maior encanto: adoram os velhos a juventude, homem forte quer noiva franzininha, e as *viragos* teem o mais doce fraco por homens delicados e airosos...

Mas no theatro, não. No theatro é tudo armado á optica.

Imaginem-a soberba e magnifica, ancha, espectaculosa, mulher de apparato e de enormes fei-

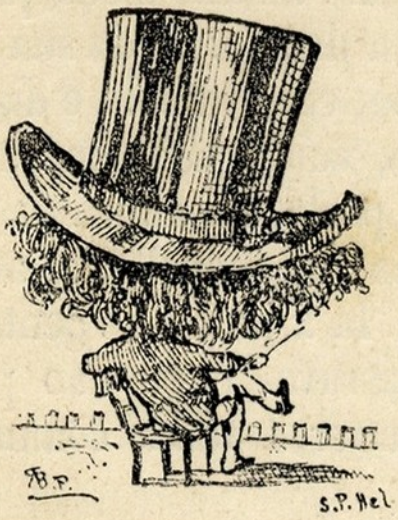
tos, a ser raptada n'um incendio e levada em

braços por algum dos actores de hoje, gente pequena, de maior folego que presença, por exemplo

Santos

que não é o que se chama miudinho, que não se parece com o *delicadinho d'Evora*, mas

que tem sem duvida maior cabelleira que estatura.



O que não quer dizer que não tenha maior chapeu ainda... do que cabelleira!

Ah! Mas...

Mas, se fallâmos em chapeu, tambem não posso parar aqui!

Seria injustiça.

Quando o traje dos heroes é caracteristico, adquire vulto como o personagem.

A niza de briche de Frederico da Prussia...

A *redingote grise* de Napoleão...

O chapeu de Santos...

Vamos á parte historica. Venham factos:

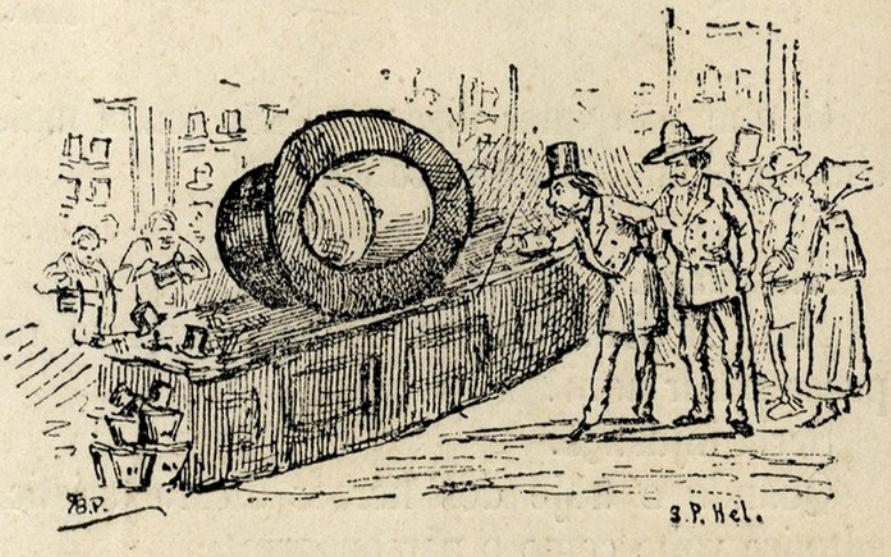
De uma occasião, ha poucos mezes...

Vi sobre o balcão da loja do Roxo, ao Rocio, um objecto de proporções incalculaveis, tendo até certo ponto, ou, para que digamos melhor,

tendo de certo ponto... para diante, as fórmas de um chapeu.

Do mesmo modo que Paulo Plantier tem por cima das portas da sua relojoaria um relogio enorme, em symbolo e distinctivo do estabelecimento, cuidei tambem que fosse destinado a pôr-se á porta, na altura de um lampeão, como annuncio da chapellaria, aquelle chapeu formidoloso.

Ia a juntar-se gente, parava sempre alli quem passava, e eu não pude resistir á tentação de entrar, levando commigo para dentro da loja ou-



tro amigo — para vermos o chapeu juntos, porque eu sósinho... não podia.

Uma vez encostados nós dois, dando-nos mutuo auxilio e incitando-nos reciprocamente a este commettimento de proporções de chaldeu, exclamámos juntos — exactamente como as Marchisio exclamavam tudo, isto é, em duetto, porque isolada a voz de qualquer d'ellas não tinha

a força sufficiente para as grandes phrases:

—Que chapeu!...

O povo á porta exclamava tambem:

—Que chapeu!...

O chefe do movimento n'aquella chapelaria acreditada é um homem loiro, fleugmatico. Olhava-nos sorrindo serenamente, e parecia disfructar *in petto* a surpresa e o pasmo da turba.

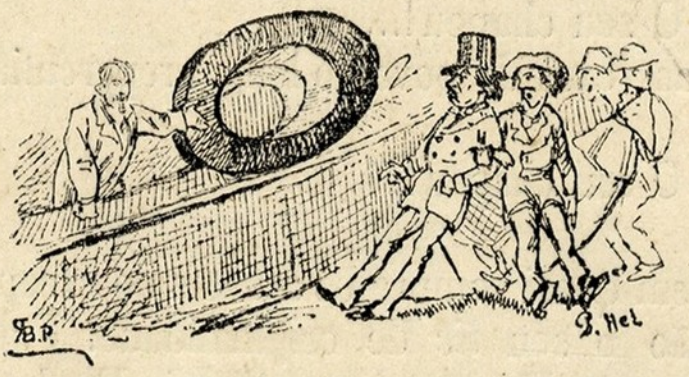
Novamente nós repetiamos:

—Que chapeu!!

E a multidão, accrescentada a todo o instante por novos transeuntes, repetia por sua vez:

—Que chapeu!!!

Então, o chapelleiro deixou cair de seus labios, com uma suavidade ideal, como se fosse mel, como se fôra o puro hymeto, estas palavras:



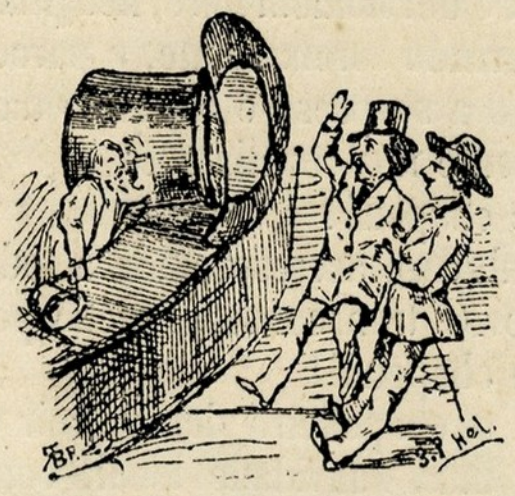
—E' para o actor Santos.

O povo recuou.

O meu amigo e eu, encostando-nos de novo um ao outro, e tomando a respiração—as res-

pirações—para lograrmos força digna do assumpto, perguntámos áquelle honrado industrial (estylo jornalistico):

—Para o actor Santos... Mas para quê?



—Para levar para o Porto! Para usar. Para trazer na cabeça. Para ser o seu chapeu!

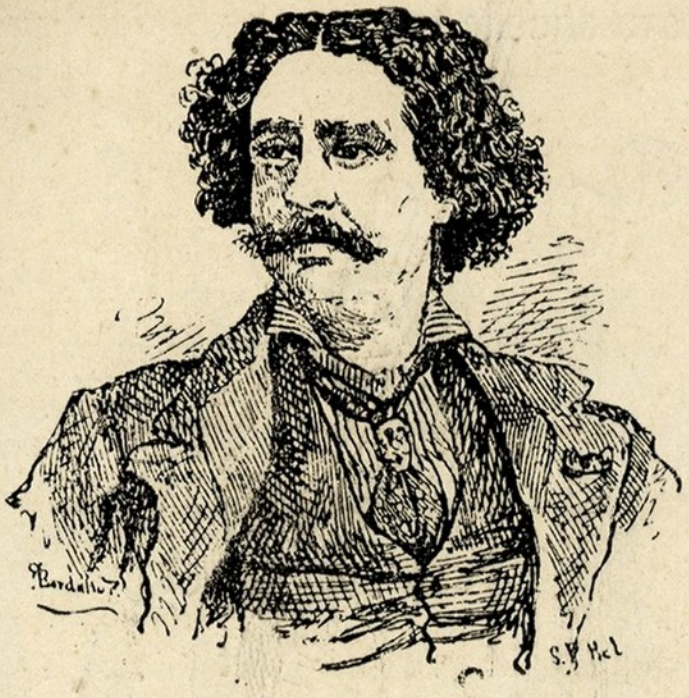
—O seu chapeu!...

E as vozes do povo ao longe, repercutiam em écco:

—O seu chapeu!!!

Teem quasi sempre os artistas de excepcional vocação o seu *tic* de originalidade. Fallou-se sempre em França das gollas de Frederic Lemaitre e das gravatas de Lafont; porque deixariamos de fallar do chapeu de Santos?

E' um typo.



Um verdadeiro typo meridional, ardente, que convém para theatro. Grandes olhos, grande franzir de sobrancelhas, encrespando-as como Jupiter e abalando o mundo. Nariz largo e expressivo; tez bronzeada...

As *ladies*, quando elle esteve em Inglaterra,

perguntavam sensivelmente desmaiadas o que significava aquelle typo...

No theatro até os banqueiros o examinavam, e os porteiros deitavam-lhe o occulo...

Foi de uma vez tirar o retrato a um photographo, e d'alli em diante viu-se grego com o artista, porque o homem tinha tanta venda aos retratos do moço, que o queria escripturar, não para o vêr representar, mas para lhe tirar *clichés!*

Em Paris deu-se com elle igual caso memorando. Deixára ficar o retrato n'um photographo (andava sempre a tirar retratos em successivas edições, que se esgotavam rapidamente, como dizem os editores nas folhas publicas) e estivera seis dias sem o ir buscar.

Ao setimo dia foi o photographo procural-o:

—Meu senhor...

—Viva!

—O sr. é o cavalheiro que ha seis dias foi a minha casa tirar o seu retrato...

—Exactamente.

—E que não voltou?

—E que não voltou; sou eu.

—Faz empenho no seu retrato?

—Como, se faço empenho?

—Se o estima, se o deseja, se sempre quer ficar com elle?

—De certo. Por ter muito que fazer é que não fui lá estes dias.

—E' porque,—proseguiu o photographo n'um tom de embaraço—ha alguem que deseja vivamente compral-o...

—Ah! As mulheres! exclamou Santos, desdenhoso, e enfastiado. Estou farto de me deixar amar, sr. photographo, é preciso pôr ponto n'isto!

—D'esta vez não é mulher.

—Não é mulher?!

—Não, senhor.

—E' homem?!!!

—E' estallajadeiro.

—Ah! Isso é outra coisa! Mas, em todo o caso, que empenho póde ter de me possuir em effigie um honesto locandeiro,—locandeiro, digâmos, que nem me conhece?

—Deseja pol-o na parede, do lado da rua... por cima da porta...

—Que diacho...?

—Sim, senhor. Elle é o dono da estallagem, bem conhecida até nos romances e nos melodramas, chamada a *Tête-noire!*

—Ah! A *Tête-noire!* Já percebo!

—Já percebe?

—Já percebo. Quer-me para symbolo!...

Santos, emquanto estava na edade das aspirações, do culto pelo bello, da nobre ambição, que constitue os dotes de enthusiasmo e de fé sem os quaes nenhuma alma de artista ousa atrever-se aos vôos do genio, foi um mancebo feliz. Seguia a sua vocação, ia atraz da sua estrella, conquistava o bem a que aspirava, sem preoccupações, sem inimisades, sem as invejas e os despeitos que o tempo levanta sempre de algum lado a perseguirem quem tiver talento.

Era um actor de bons dotes, imaginoso, quente, audaz. Assim o era e assim lho diziam

De uma occasião em diante principiaram a dizer-lhe mais alguma coisa: que era um actor sublime.

Isso pesou-lhe.

Ha poucas coisas tão incommodas como um homem achar-se de um dia para outro armado em divindade.

O sublime deve ser sempre uma aspiração; nunca um emprego.

—Em que se emprega o senhor?

—Em ser sublime.

E' mau.

Diz um proverbio arabe:

Deus te defenda de realisares o teu ideal. Grande e triste verdade.

Santos entristeceu, desde que realisou o seu ideal.

Chegar a ter todas as immunidades, todos os direitos; ser o grande sacerdote, o pontifice theatral do verbo novo; não poder enganar-se, nem agradecer os conselhos dos seres secundarios que gravitem no espaço inferior; não ser elle que mude de systema, serem as coisas que mudem em redor d'elle; tornar-se para elle a critica um attentado, e a opposição um crime; infallivel, impeccavel, infinitamente perfeito, Messias do que se aprende de côr, cercado de jornaes a tocarem trombeta e a dizerem d'elle todos os dias o que não dizem uma vez por anno de Garrett nem de Herculano...

E' um encargo, e uma semsaboria.

Se elle fosse um piegas, tinha ficado contentissimo; mas ao contrario, data d'então uma indifferença altiva e melancholica, um desdem e desapego a tudo.

Natureza de artista, — que a tem mais que nenhum em Portugal — quiz ainda fundar como que uma arte nova. O que resta d'essas ambições? Tentativas, que teem a marca dos esforços e dos desvios de uma individualidade, que foi servir de modelo absoluto para o gosto, para a dicção, para a fórma, e que, se não poude conseguir fazer artistas, fez uma aluvião de exemplares de si proprio em ponto pe-

queno, um rancho de *santinhos*, que, á falta do ta-

lento de Santos, aspiram a ter a volubilidade da sua declamação e a grandiosidade dos colletes d'elle. Não seria facil indicar por um só termo que marque um genero, uma especialidade, um temperamento, uma physionomia, a indole caracteristica d'este artista. Já vão a afastar-se d'elle os annos de Cherubim, e entretanto vêmol-o muitas vezes ingenuo e namorado a dar idéa pelo sentimento, pela sinceridade, pelo enthusiasmo, d'essa edade da vida que escalda o sangue e o coração.

De outras vezes, homem de vivacidade e de ex-

pansão, da alegre folia, da extravagancia elegante.

Bebe, grita, ri.

Almoça com patuscos; janta festivamente; ceia com as bellas, duas, tres bellas; nunca menos d'isso.

E' pimpão, é intrepido, fica leve apesar de gordo, é *catita*, é gingão, é estroina.

Deixa de ser dogmatico, entra pelo papel da peça e pela alegria como nós por nossa casa.

Um folião.

De outras, grave, austero, pesando as sylla-

bas, calculando as intenções.

Todo elle reticencias.

Grandes pausas — de umas que commovem o Stark na platea ao ponto de o fazer irromper em doces lagrimas.

Alto gesto, passo de tapete, phisionomia de retrato antigo, retrato de antepassado illustre; grande sabôr de dignidade, aroma de nobreza, muito serio, muito serio.

Aquillo a que o povo chama *um homem de capitulo!*

Ainda d'outras, a facilidade moderna, um conversador, um *diseur*, o tom amplo da experien-

cia e da sociedade, o gesto largo dos homens de mundo, mil segredos de declamação imitando a extrema naturalidade—a mais artificial accentuação, e a mais difficil, de quantas ha.

Chegam as senhoras nos camarotes a dizer ás vezes com sinceridade a seus maridos:

—Gostava que tu fosses assim!

—Pois eu não! E' bom no theatro; mas querias que eu fosse assim na rua Augusta?

E' um galã,

é um centro,

é um gracioso?

E' tudo isto talvez; não é talvez nada d'isto: é um actor de hoje, para as peças de Augier, de

Dumas filho, de Sardou, uma natureza de artista essencialmente moderna, creada nas leituras de Balzac, de Dumas e de Musset; a melancholia de um philosopho, a imaginação de um imprudente, a extravagancia de um phantasista, e uma alma ardente no fundo de tudo isto: alma de bons vôos, desprendida de miserias: susceptivel de abater as azas para seguir um capricho louco, mas sabendo elevar-se pelo sentimento, pela aspiração para a arte, pelo culto do bello; meio Kean, meio Don Juan; excentrico nas *toilettes*, talvez excentrico na vida, mas tendo a qualidade rarissima da gratidão, que importa a lealda-

de para com os homens, e, o que é mais, a honestidade para com as mulheres. Não a honestidade de José do Egypto, de lhes querer fugir com o capote,—mas a de as agasalhar com elle.

Como vão longe os que lhe foram mestres, e os que lhe serviram talvez de tentação para seguir os destinos da vida de theatro! Vamos parecer velhos, se fallarmos de

Epiphanio,

e entretanto é preciso fallar, não ha remedio: fallemos.

Lembram-se bem d'elle? Na estatura, na sobranceria, havia o seu quê de similhança com o heroe dos *Solteirões*...

Parece-me estar vendo ainda esse original

actor, que, quando não estava no palco estava no camarim: quando não estava no camarim nem no palco, estava no salão: e quando não estava no salão, no palco, nem no camarim... passeava no Rocio a olhar para o theatro!...

Era um caracter melancolico, como que farto do espectaculo das coisas humanas: espirito contemplativo, pouco accessivel ás manifestações sempre novas da arte, e havendo concentrado o seu pensamento n'um ponto fixo — substituir

a velha declamação de theatro, pela eschola franceza de mil oitocentos e trinta; — e que, nos ultimos annos da sua existencia, não se lembrou que era tempo de que a eschola da fórma singela substituisse essa declamação emphatica, plangente, cadenceada, que fizera, como que n'uma revolução, as delicias da sua épocha, mas que as leis do gosto tinham ainda de modificar.

As lagrimas e os soluços constituiam, no ultimo periodo da sua vida, um dos recursos sympathicos á sua maneira de commover. A phrase sahia-lhe sempre chorada e arrastada. D'ahi, os defeitos de eschola para os discipulos, e para os collegas, que, de certa fórma, tambem discipulos eram d'elle. Para o imitarem, e para conseguirem harmonisar com o mestre quando jogavam de scena, tinham de se entregar tambem a uma declamação pesada, que não desentoasse do systhema! Os resultados tinham de ser, e foram, prejudiciaes para os artistas. Ainda hoje no theatro se chora muita phrase, que devia ser dita simplesmente, por causa do muito que se chorava no palco n'essa épocha de dialogos soluçados.

Quando se edificou o theatro de D. Maria II, principiou para Epiphanio a mais acreditada épocha da sua carreira artistica, a de ensaiador.

A direcção de ensaios foi-lhe confiada, e elle deu prova de acertado gosto nas funcções

de director de scena, e nas attribuições que ficavam ao seu cargo, produzindo discipulos e aperfeiçoando alguns collegas.

Foi a primeira vez em Lisboa, que nos cartazes se leu esta innovação franceza da phrase *mise-en-scène*. Os annuncios especialisavam sempre a direcção e a *mise-en-scène* de Epiphanio.

Advertia-se d'isto como de um facto novo: e era effectivamente um facto sem precedente na nossa terra, porque os ensaiadores antigos nunca se deram ao incommodo de attender á disposição das figuras, á collocação dos grupos, á gesticulação dos actores.

Não é facil suppôr, quem hoje vê os theatros portuguezes no estado de regularidade a que o tempo e os esforços dos artistas teem alcançado, como corriam d'antes por cá as coisas theatraes!

Não ha cem annos; basta referirmo-nos justamente á épocha em que Epiphanio, Theodorico, Victorino, etc. principiaram, e em que eram homens quem representava os papeis de mulher!...

O scenario, era uma traquinada tão ridicula e economica, que, n'uma peça em que a scena figurava um moinho ao fundo, o actor, que era muito mais alto que a porta, trouxe, ao entrar, o moinho em cima dos hombros!

Quando se chega ao estado de civilisação das artes, não se pensa bem o que foi a scena no

tempo antigo. Em Inglaterra, por exemplo, adoptaram-se por muito tempo expedientes de illusão, de se morrer de riso. Um comparsa com uma lanterna, um arbusto e um cão, significava o luar!

Uma circumstancia curiosa e excentrica é a teima com que Chateaubriand se obstina a querer provar nos *Ensaios sobre a litteratura ingleza*, que a exactidão do objecto inanimado annuncia a decadencia da alta poesia e do verdadeiro drama, porque, diz elle, contenta-se com as pequenas bellezas, quem não póde attingir ás grandes: imita-se, a ponto de enganar a vista, os sophás e o velludo, quando não se chega a poder pintar a physionomia do homem sentado sobre esse velludo e n'esse sophá!

E' curiosa esta opinião do grande escriptor da França, de que a verdade do theatro não precise de exactidão de vestuario e scenario, e que os melhores monologos, ou as mais vehementes apostrophes da tragedia antiga fariam tanto effeito lidas por Talma n'uma sala, como recitadas sobre um palco, estando o homem de manto grego nos hombros!

Nas peças ensaiadas pelo Epiphanio observava-se naturalidade, e boa combinação nas entradas e na collocação das figuras. Estudava muito as peças, attendia á marcha da acção, á indole especial de cada caracter, á feição propria para cada typo, aos gestos e ás maneiras.

As peças espectaculosas principiavam então o pomposo reinado, que durante algum tempo levou a população da capital e das provincias a assistir á representação do *Alcaide de Faro*, *Templo de Salomão*, e *Prophecia!*

Foi nos espectaculos apparatosos que elle desenvolveu o melhor tacto de ensaiador. Jogar com duzentos comparsas como com peças de um jogo de xadrez, fazer que não se adiantem e não se atrazem, dar aos grupos toda a elevação do quadro, ás marchas toda a solemnidade guerreira, attendendo, na disposição d'aquellas duzentas figuras que enchem o palco, ao effeito d'optica que melhor possam produzir—eis o que Epiphanio fez como ninguem o fizera, e como ninguem o faz por emquanto!

Por capricho de artista, ou para se ensaiar em generos de desencontrada indole, tentou em papeis de mui diversa natureza dar a medida da sua vocação percorrendo todas as escalas da arte comica, e desempenhando a cada passo tão depressa um centro, tão depressa um galã; apparecendo-nos hoje com a fronte calva e grave do ancião, ámanhã com o enfarinhado rosto de palhaço; pae nobre agora, namorado comico em seguida!...

Era muitas vezes notavel, mas tinha um senão fatal em todos os seus papeis—era massador. Havia occasiões em que divertia tão pouco que chegava a não parecer peccado o ir ao thea-

tro durante a quaresma para o ouvir n'uma comedia! A festa era uma expiação.

Tinha sido nos seus tempos o Etelwood da *Catharina Howard,* e deu-se o *chic* de ser *Ruy Blas* n'uma traducção de Eduardo de Faria, aquelle bom e amavel Eduardo de Faria que fez entre differentes extravagancias memoraveis o diccionario que por ahi anda, de que elle era sempre o primeiro a gracejar e o sr. D. José de Lacerda o ultimo.

O *Trapeiro de Paris*, e o *Casal das giestas* foram as suas peças: ou antes as suas verdadeiras peças eram aquellas, em que elle conseguia que os outros fossem bons.

Com elle acabaram os grandes espectaculos dos dramas de apparato, que acordaram a curiosidade no animo do publico. Nunca mais se viu no theatro de D. Maria II, dramas de que o annuncio comportasse algum d'aquelles cartazes, que, pelo gigantesco da fórma e pela dimensão das letras, são d'um prestigio que outr'ora teve o condão de seduzir José Agostinho de Macedo: «Violentissima tentação d'um cartaz de comedia que toma uma esquina de cabo a rabo, desafia e titilla a nossa curiosidade! Um cartaz é um verdadeiro prestigio; se ha bruxaria no mundo é o Diabo de um cartaz de comedia. Os que se pregam no Malcosinhado são uns lençoes de casados, e quando é dia de beneficio é o cartaz como a vella grande da nau Centauro!»

Assim o dizia já, na segunda carta do Fogaça, José Agostinho, com a sua chistosa graça de grosseirão; isto prova que o cartaz monstro não data apenas do *Alcaide de Faro*, o que muita gente cuida, porém já d'aquelles tempos, em

que um gallego com um boião de papas, um pincel de caiar e uma bola de papel ás costas, ia pregar nas esquinas um papelão monstro com dois triangulos romboides!

Não foi unicamente aos seus discipulos que os conhecimentos d'arte do Epiphanio se tornaram uteis: tambem os companheiros lhe deveram lição em mais d'um papel, e a grande actriz portugueza, Emilia das Neves, alcançou uma boa parte dos seus triumphos, auxiliada pelos conselhos d'esse ensaiador.

Os destinos outr'ora brilhantes do artista que

fizera épocha para o theatro portuguez, haviam no ultimo tempo da sua vida perdido quasi todo o prestigio que os illuminava: a imprensa mostrava-se adversa ao seu methodo, e o publico desgostava-se por vezes do tom da sua phrase. E todavia quando acordava da atonia em que o espirito parecia haver-se-lhe suffocado, era grande! A *Pobreza Envergonhada* e *Espinhos e Flôres*, foram os ultimos signaes que deu de vida artistica. Sinto tristeza ao escrever os titulos d'estes dois dramas, porque elles marcam o final do drama d'essa existencia que tenho contado aqui. Época fatalmente triste para a população de Lisboa, épocha que recorda a cada um uma saudade e um tumulo!

A febre amarella, de que apenas se citava desconfiadamente dois casos em julho, e dez em agosto, caiu nos fins de setembro de 1857, desapiedada, implacavel, aterradora, sobre a capital!

O cholera havia sempre atacado quasi exclusivamente as classes pobres, mas a febre amarella não teve predilecções do primeiro ao ultimo periodo do seu devastador reinado. Os felizes da vida tiveram de recuar horrorisados ou de cair como os pobres, ao sopro irremessivel d'este inimigo commum!

O terror apoderou-se então de todos os espiritos e de todos os corações: nenhuns limites provaveis, anniquillavam a sua duração; Lisboa

tomou um aspecto horroroso; a população coberta de luto lembrava-nos as mortes da vespera: e as macas que se cruzavam, as mortes do dia seguinte!...

Tambem, a philantropia acordou então; e os actos de generosidade desceram da casa dos ricos, e, consolando as classes indigentes, pareceram pedir-lhes perdão, em face da morte, da indifferença com que nos tempos bons da vida insultavam a miseria com o luxo e com a avareza! Mas, não iam depôr-lhes a esmola á cabeceira; atiravam-lh'a e fugiam, ou mandavam-a de Cintra, de Bemfica, do Lumiar, de Bellas, de Cacilhas, de Pedroiços, onde as habitações chegaram a um preço fabuloso, tanto foi o impulso com que a população lisbonense desertou! Os pares, os deputados, os empregados publicos, abandonaram as camaras e as secretarias. A familia real e os pobres, foram apenas os que permaneceram face a face com a morte; isto é dizer-lhes que os actores ficaram tambem, porque n'este paiz os actores são do numero dos pobres!

Epiphaneo vivia em companhia de dois filhos: a febre entrou n'essa casa e com ella a morte; o filho mais novo succumbiu á doença. Então aquelle coração de artista que era um grande coração de pae, sentiu-se ferido do mesmo golpe. Passára as noites ao pé do leito do doente, e, dias depois da morte de seu filho, o gran-

de actor caiu tambem ao sopro pestifero do mesmo mal que lh'o roubára. A impressão que aquella morte lhe produzira havia sido profunda e irremediavel; não sei bem se foi a febre amarella, se a falta do filho, o que o matou!...

De quantos artistas ensinou na sua longa carreira de mestre de theatro, a primeira, a unica que chegou realmente a attingir proporções notaveis, foi

Josepha Soller

A infeliz Soller!

Os elementos pareceram sempre ora querer, ora não querer que ella fosse actriz!

Declamára aos tres annos n'um theatro, de que era empresario o seu pae: volvêra á scena

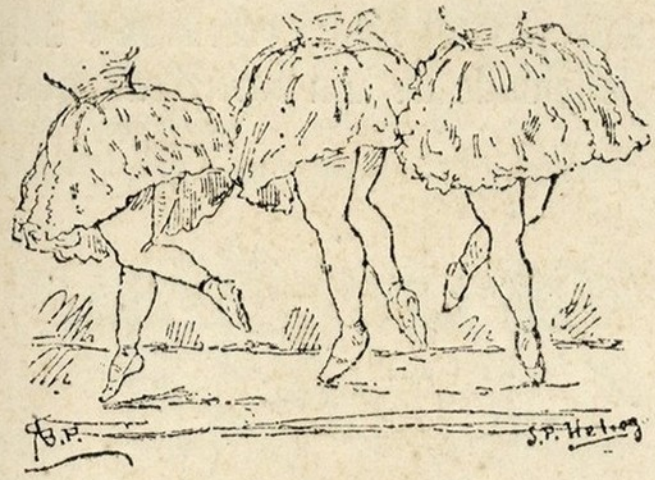
aos cinco annos, e a intelligencia precoce que revelava era a melhor garantia do talento dramatico, que, com o tempo e o estudo, poderia dar ao seu nome, um dia, a aureola dos triumphos.

Todavia um gosto natural pela dança arredou por muito tempo da arte dramatica esta creatura, que invejava, talvez, o prestigio, a elegancia, a graça voluptuosa das dançarinas — creaturas excepcionaes que os rapazes applaudem sempre com maior capricho, e maior enthusiasmo.

Realmente, dou razão em parte á Soller! As dançarinas, quando teem a fortuna de não brilharem apenas pela arte, mas tambem pela belleza, e que deixam campo ás primeiras illusões da vida para acceitar n'ellas a incarnação de um sonho, qualquer coisa de sublime, e desligado das existencias terrestres, entes maravilhosos que se elevam sobre o pó, como o atomo se ergue e se perde na atmosphera fluctuante, impellido pelo calor das manhãs do estio...—são verdadeiras creações de poeta, que incendeiam a imaginação e a alma!

Por mais que se teimasse e insistisse, por maiores, mais activas e constantes diligencias, que a familia empregasse, para que a Soller n'um paiz tão escasso de actrizes preferisse a carreira dramatica, que não devia apenas serlhe mais lucrativa, porém mais brilhante,—a

obstinada creança proseguia no seu intento, e porfiava em seguir—como dizem os choreogra-

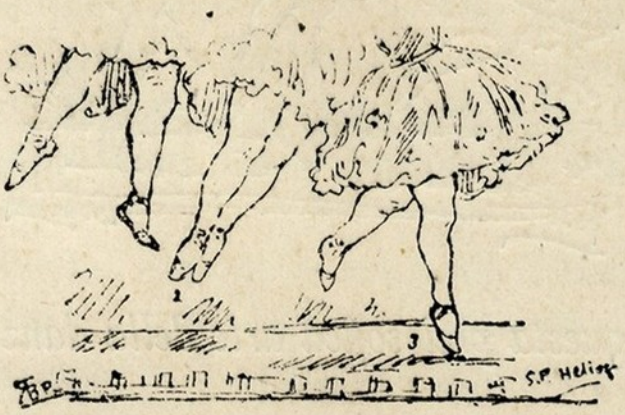


phos—*questa philosofica arte della danza!*

Uma desgraça, porém, tinha de cortar-lhe a carreira. A pobre dançarina, encontrou-se subitamente impossibilitada de proseguir na sua mania! Uma extenção nervosa, na perna esquerda, resistiu a todos os esforços da medicina, e obrigou-a a afastar dos horisontes do *tacté* e do *balloné* as suas aspirações e as suas tendencias!

Desgraçadas dançarinas, a quem não é preciso mais do que pôr um pé em falso, para verem a sua carreira cortada, tornar-se infructifero todo o estudo dos primeiros annos, e cahirem por terra, luctuosos, humildes, desenganados, os sonhos de prosperidade e de gloria que lhes haviam dado coragem de trabalhar!

Pois que! o nome, a gloria, o futuro de uma creatura, cujo merecimento parecia assegurar-lhe os destinos da illustração e da celebridade, estão por tal fórma escravos e dependentes da felicidade de um *battement*, que — bas-



tando uma piroeta para torcer uma linha, — seja uma linha torcida o sufficiente para deixar sem fortuna, sem destino, e sem pão um ente infeliz, que teve a sorte de pôr o seu talento nas pontas dos pés?!

Não houve remedio.

Quando a rapariga viu que estava *de perninha* para todo o sempre, deixou-se de medicos e mandou chamar *dilletanti*.

Acudiram os janotas do tempo, os grandes

praticos das fortunas e dos revezes de theatro.

—Que hei-de fazer? perguntou ella.
—Vae ser actriz! disse D. Alvaro.
—Vae ser tragica! disse-lhe José Vaz.
—Vae-te ás *soubrettes!* aconselhou D. João de Menezes.
—Vae ás ingenuas! disse o marquez de Niza.

Depois, todos elles, em alto diagnostico, lhe predisseram:

—Serás grande! Trata d'isso.

Custou-lhe ao principio.

A fatalidade que a opprimia foi-lhe tanto mais penosa, que estava para partir para Vienna d'Austria na companhia de Mabille, que quatro annos depois deu ordem expressa á irmã de madame Santy de a escripturar se já estivesse restabelecida; a esse tempo, porem, a Soller... estava actriz.

Actriz! Existencia de sensações e gloria, a que ella não aspirava, que não pedia, com que não sympathisava até! Singular destino, que a forçou a valer-se do talento, a reconhecel-o, a educal-o, a deixar que o publico a admirasse e

applaudisse! Comediante como sua mãe, a Vasquez de Çorunha, como seu pae José Soller, de Valença, que tomou o nome de Navarro, porque, fugindo á familia para seguir a vida de actor, quiz crear elle o seu nome para a gloria ou opprobrio que lhe coubesse! Oh! ella tinha de ser actriz; e debalde o seu capricho, por louca phantasia de creança, tentava talvez suffocar a vehemencia de uma vocação, que a natureza ou o destino tornaria um dia invencivel e irreconciliavel!

Pois que! Esta mulher que se abraçava aos pés de Terpsichore, olha um dia para a face austera de Thalia, e a deusa sorri-lhe e abraça-a, e as almas dão-lhe lagrimas, o publico dá-lhe flôres, a imprensa dá-lhe applausos, e ella acorda actriz! actriz inesperadamente! actriz repentinamente!

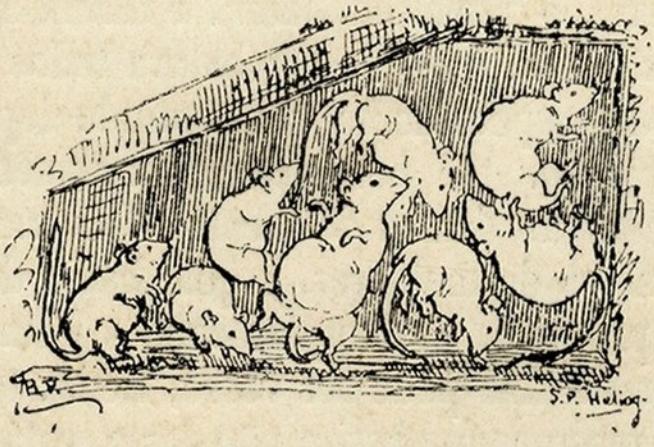
Fizera-se bailarina, mas fôra actriz que nascêra! Póde dizer-se que ninguem lhe ensinou a arte senão depois de ella se mostrar artista; e mostrou-se artista desde o primeiro dia! Como aprendeu, pois? Como adivinhou, então?

Vi-a eu estrear-se, — eu que tinha onze annos. Ainda me recordo de a vêr apparecer na montanha com o seu chapeusinho de cigana levemente inclinado sobre a orelha, no famoso theatro do Salitre, toda a brilhar como se ainda estivesse nos *divertissements*, sáia curta, botinha

de cano, n'uma peça que foi fallada n'esta Lisboa:

A *Ciganinha!*

Que noite, que noite! Os ratos, unicos fre-



quentadores hoje d'esse theatro, ainda estremecem do que seus avós lhe contaram de tal caso.

A rapaziada effectiva de S. Carlos affluiu ao Salitre n'essa recita, ao que me contam. Nas frisas e na superior, viam-se os terriveis da platéa do theatro lyrico, curiosos de vêr brilhar o talento d'esta singular creatura que o encontrara primeiro nos pés, e o procurava agora na cabeça!—o que provava ao menos não estar no caso do rifão, visto que tinha ambas as coisas!

Ia descobrindo a todo o instante horisontes novos, auxiliada por grande força de vontade e pela attenção continua com que estudava.

N'isto appareceu-lhe o Assis.

A historia anecdotica do theatro, tem mostrado mil vezes a importancia do galan para os destinos do amor. Eu creio verdadeiramente que se não existissem *galans*, as mulheres teriam amado muito menos! Na peça de *Psiché* o comediante Baron, da companhia de Molière, representava o papel do *Amor!* e dizem as noticias da época, que elle arrebatava todos os corações dos espectadores, conseguindo depois ser *em particular* tão bom actor com as senhoras, como com as damas de theatro. Era uma perfeita guerra de mulheres, a qual havia de o alcançar primeiro. La Bruyère conta-o bem claro:

«Roscius não póde ser vosso, Lelia; tem dono: e, mesmo que assim não fosse, está já pedido: Claudia espera para o ter, que elle se farte de Messalina!»

A amante de Molière,—acabou por tomar a serio as phrases que Baron lhe dizia no palco, aprendidas de cór, mas recitadas com o encanto e o calor da arte, que tantas vezes se confundem com a inspiração verdadeira, natural, e espontanea da alma!

E a amante de Molière, apaixonou-se por Baron.

Cincoenta annos depois, pouco mais ou menos, Adrianna Lecouvreur, que passou a vida em amores, e fez papelotes dos madrigaes de Voltaire, olhou um dia para lord Peterborug, que era grande personagem, e para o galan Legrand, que não passava de um actor mediocre: ambos elles a requestavam, e ella resolveu gostar de ambos, mas de um primeiro que do outro, porque, são as memorias que o dizem, a grande actriz era inconstante, mas não era falsa.

E como era preciso principiar por um d'elles, Adrianna Lecouvreur principiou por Legrand!

No theatro do Salitre representava-se no tempo a que nos temos referido, um grande numero de peças sentimentaes. O pranto tinha todas as noites que pagar fôro ás desventuras de um amante infeliz, a quem a barbaridade paterna separava do seu adorado bem.

O papel de amante era effectivo ao Assis.

A parte de *adorado bem* competia sempre á Soller.

Uma vez, o amor, que é um traquina, met-

teu-se devéras n'isto, e a Soller, querendo que a sua felicidade fosse tão auctorisada no mundo como no palco, resolveu, de accordo com o Assis, principiarem por onde os dramas acabam,—pelo casamento!

E, como assim acontecesse, a Soller começou a ser a Senhora Josepha Soller de Assis.

Este Assis, Antonio Maria de Assis, era um soffrivel actor de alta-comedia, e nascêra dotado de quasi todas as condições que constituem o galã de theatro.

Era alto, elegante, extremamente sympathico de phisionomia, e com bons olhos.

Havia-se estreiado em theatros particulares, e só em 1844 se arriscou a theatros publicos no drama em cinco actos, *O infanticidio ou a ponte de S. Cloud.* Tinha vinte e dois annos então.

No theatro normal, o seu reportorio foi sempre o mais escolhido e o mais litterario,—e, de ordinario, capricho do acaso ou iniciativa dos auctores, teve este artista papeis em que fazia a cada passo declarações de amor... a sua mulher!

Garrett gostou muito d'elle no seu *Fr. Luiz de Sousa,* e este é decerto o maior louvor para a memoria do artista.

Comquanto a natureza fosse cruel para com a Soller, baixinha, sem voz, sem olhar, sem elegancia,—o trabalho, que é um segundo talento, valleu-lhe e elevou-a. Chegou a ser notavel, grande.

Mas, a estrella da felicidade foi-se apagando para ella a pouco e pouco; vieram as guerras e miserias dos bastidores; a melancholia de se encontrar preterida, o despeito de ver que lhe roubavam as flôres da sua corôa, não poderia deixar de ter influencia no seu destino; deshabituada do palco pelos longos intervallos em que se encontrou afastada d'elle, sempre que reapparecia em scena, ia como que receiosa, indecisa, timida, hesitante, tremula! Tinha ainda attitudes, gestos, meneios de cabeça, admiraveis; quando representava com Emilia das Neves, ainda erguia a fronte soberbamente, como sacudindo o peso da oppressão que nos ultimos tempos lha curvava! Havia thesouros de vingança a trahirem-se nas suas mãos que se encrespavam, nos seus nervos que tremiam sob a immobilidade fria de uma resolução implacavel!

Disse adeus difinitivo ás glorias de acordar o enthusiasmo; o publico insaciavel e inconstante nos seus prazeres, não se preoccupou sequer um instante com a desgraça d'esse antigo idolo. Sentia e impressionava-se quando declamava! Não era uma vaidosa recitação mais ou menos modulada pelos labios; era a voz que se quebra, as fibras que palpitam, um anno de vida gasto em dez minutos! era o odio, o furor, a revolta, a aspiração á liberdade, as mais devoradoras paixões humanas concentradas n'um fragil corpo de mulher! Se os au-

ctores attendessem ao melhor genero do seu talento, se o theatro não a desconsiderasse afastando-a da scena, o publico haveria tido mais occasiões de applaudir senão a esbelta e alegre *Ciganinha*, ao menos a pallida e melancholica Luiza do *Casal das giestas*!

E o nosso

Rosa

Onde havemos de collocar o nosso Rosa, João Anastacio, que apparece hoje tão raras vezes no tablado, e ora n'um theatro, ora n'outro, sem se perceber bem se elle ainda é do theatro de D. Maria, se é de qualquer theatro de Lisboa ou Porto, ou se não é já de theatro algum?

Rosa tem sido um artista importante, mexendo um pouco em tudo, e dotado de uma quantidade de prendas, só comparavel á da menina do conto que o pae queria casar:

—Isto canta, isto toca, isto dança, isto borda, isto faz doce!...

Assim, Rosa actor!

Rosa pintor! Rosa esculptor!

Chega a parecer a ladainha:

Rosa mystica!
Rosa eburnea!
Rosa pulcra!

D'essa variedade de talentos tirou por muitas vezes os melhores segredos para a composição

do seu personagem. Ninguem se vestia melhor do que elle nas peças d'epocha, ninguem me-

lhor do que elle tirava partido das côres, da elegancia das attitudes, da propriedade dos accio-

nados, das combinações engenhosas de caracterisação.

Depois, como sabia sempre com perfeição os seus papeis, tornava-se completamente senhor da acção e verdadeiramente attingia por vezes as proporções de artista de primeira ordem.

A doença e a rabuge principiaram a querer moel-o. Elle tem-as moido a ellas. Ainda eu era pequeno já elle voltava dos Pyreneos onde fôra

tratar-se. Desde então, lá tem tido artes de en-

treter seus males e por ahi o vemos, com grande alegria nossa, ir passeando a sua enfermidade e o seu mau humor.

Não ha affectação n'aquelle estado. Soffre effectivamente com as alternativas do tempo, e duas ou tres nuvens paradas no azul do ceu prejudicam-o mais do que se pode calcular.

Homem de talento. Excentrico, teimoso, innaturavel de espirito de systema, embrulhão con-

fuso uma vez ou outra, genio azêdo de vez em

quando, e massador fora d'horas, mas homem de talento, de fé, que tem o fogo sagrado e a profunda convicção de que os deuses não acabáram ainda, e que elle é um.

Na vida, bom, excellente homem, mas ralhão. Dia em que acorde de mau humor, é ter cautella. Fallando de tudo, da arte, do municipio, dos caminhos de ferro, da litteratura, da tele-

graphia, do exercito, da poesia, das florestas... Gostando de questionar; atirando ás vezes ao acaso, sem visar alguem ou alguma coisa, mas recreando-se com o ruido que faz, e não descançando sem gastar a polvora toda. A malicia vivaz da sua phisionomia revela n'esse instante a ebriedade que moralmente se acha disfructando. Se lhe perguntarem, d'alli a bocado, quaes são as posições que attacou ou defendeu, — já lhe não lembra.

E' solemne até no *Martinho*.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA D. C. DIVISÃO DE BIBLIOTECAS BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

Ao mesmo tempo familiar, risonho, engraça-

dissimo ás vezes, sabendo historias soberbas e contando-as bem, com espirito.

Correu mundo, andou por essas terras, lembra-se de mil casos, improvisa outros mil... e um.

—Em tal epocha...

E ahi vae capitulo.

—De uma vez o Samsão...

—Cortaram-lhe o cabello?

—Não é esse, homem! O Samsão da *Comédie française*...

Ennuncia devagar, em tom de auctoridade, dando entre-acto ás palavras.

Em elle fechando um pouco os olhos, e abai-

xando a voz, está a brincar.

E' apanhal-o então, e cavaquear uma hora. Soberbo! Imaginozo. Todo phantasia... historica.

Tem visto muita coisa; não é isso o que elle sabe, sabe o resto.

Tudo está dito ácerca de:

Emilia das Neves

Ha o artigo do sr. Castilho na *Revista Contemporanea*, e toda a gente o leu. Que mais, depois d'elle?

E' o caso de fazermos como os jornaes:

E' uma grande mulher, não fallêmos mais d'isso!

Emilia das Neves tem sido ha muitos annos a mais notavel figura do theatro portuguez.

Deffeitos de dicção, incorrecções, tudo quanto quizerem, mas a mais formosa creatura, a mais bella voz, e a organisação mais rica e intrepida que temos visto nos nossos palcos.

Emilia das Neves é propriamente uma actriz de alto drama.

Quer-se com a

Lucrecia Borgia,

com o *Gladiador de Ravenna*...

Precisa gritos, arrancos, soluços, delirios.

Precisa paixão; a paixão em toda a intensidade e em toda a sua expressão multiplice.

Precisa das lagrimas que escaldam e abrem

sulcos no rosto; de apertar com ancia o peito como que a suffocar o sangue de ferida gotejante.

São-lhe necessarias concepções amplas, gran-

des lances, largos destinos.

Sabe subir as escadas de granito, que conduzem aos vestibulos dos palacios.

E' a actriz dos grandes papeis, dos grandes casos, das grandes figuras; a actriz da honra, da virtude, do respeito da patria, da veneração, do heroismo.

Para esses heroismos e para esses lances, tinha ella d'antes um companheiro. Deve haver estremecido na hora em que elle lhe faltou...

Tambem elle era o homem dos lances difficeis, perigosos, fataes, mas elevados, grandes: o homem das paixões desordenadas

Tasso

Tasso foi um heroe, foi um principe; foi moda!...

Considerou-se sempre o galan como o papel mais sublime, e d'ahi provém haver tal falta d'el-

les, apesar de tantos pretenderem sel-o. E' o vulto sympathico o galan, é o favorito das damas, é o artista querido do publico.

Quando se fallava de Tasso, nos seus tempos, era como citar um empresario de paixões, um sicario de Cupido; os corações estremeciam. Nem é difficil de explicar a grata impressão que este genero de actores desperta nos animos: são sempre bons moços; victimas do capricho de um pae avaro, que recusa a filha para se esquivar ao dote, ou que por influencia de preconceitos receia empallidecer o brilho do seu nome acceitando por genro algum proletario bem fallante, os galans vivem em continuas afflições em cinco actos, ora inspirando ás platéas o sentimento de piedade por meio de monologos sentimentaes, ora enternecendo os camarotes por occasião dos impreteriveis dialogos amorosos com a *ingenua*, que convem ser um de despedida, no fim do primeiro acto, ao partir para a guerra, para a Universidade, ou para algures onde se ganhe gloria; e outro quando menos se espera, alli pelo quarto ou quinto acto, justamente na occasião em que a familia da noiva já estava para dispor d'ella em beneficio de segundo.

D'elles é sempre a ultima phrase da peça; se não entôam *O' felicitá!* como no coro final das operas, exprimem este pensamento por qualquer variante que torne bem notorio ao publico que o galan convertido em marido, o que equivale a

dizer convertido em *centro*—porque os maridos são sempre centros, excepto nas farças em que são... *graciosos*—vae gozar no futuro todas as delicias da felicidade terrestre, de que Anna Radcliffe e Ferrea Aragão, em suas edificativas novellas faziam a synopse n'esta phrase: «casaram, e tiveram muitos filhos!»

Ao galan se incumbem sempre as heroicidades dramaticas. Se houver incendio, é elle quem salva a dama, e o pae da dama e a familia da dama!

Se a desgraça vem pairar no lar em que a donzella passa seus dias, e a miseria se affigura proxima, o galan embora não tenha aonde cair morto, logo trata de arranjar fortuna, voltando rico em breve, casando com a menina, e pagando aos credores do pae!

Se os cavallos que conduzem a carruagem em que vae a joven, tomam o freio nos dentes e ameaçam ruina total á menina e á traquitana, quem é que atira comsigo á frente da parelha e faz o milagre de suspender-lhe o curso? O galan; por força: o galan!

Nos primeiros dois actos da peça dizem todos mal d'elle, para o seu triumpho ser mais completo na scena da reconciliação paterna, que

é o *rondó* das comedias; uns consideram-o pobre, outros altivo, algum descobre nodoa no seu nascimento, este affiança que elle é jogador, e aquelle rouba qualquer coisa e accusa-o de ladrão!

Contra este homem conspiram todos os elementos, que possam concorrer para a destruição de uma creatura, mas tão subido é seu valor, tão discretos seus instinctos, que vae tratando de restabelecer o seu credito até se justificar com a maior clareza, confundindo a calumnia, perdoando ao calumniador, e exultando no regaço da victoria!

Todos o amam, todos o applaudem e lhe desejam o que mais fôr para bem. Elle é sempre o pagem, o principe, o poeta, o filho segundo, o infeliz, o martyr, o sympathico. A todos interessa, a todos commove! Applausos com as mãos na platéa: applausos de nariz nos camarotes: palmas, e pranto! Vejam, por exemplo, o que aconteceu n'uma recita do *Cego*. Lembram-se ainda d'esse melodrama, que fez durante uns mezes a fortuna do theatro normal? Era a historia de uma familia dispersa pelo mundo, que, para jubilo da moral, se encontrava reunida no quinto acto, o que promovia um diluvio de reconhecimentos: os paes abraçavam seus filhos, os irmãos gritavam pelas irmãs, os tios pelas tias, e só causava estranhesa não apparecerem os vi-

sinhos a inquirir a causa de similhante algazarra. Tasso era o protogonista, Tasso era o heroe,

Tasso era o cego. Todas as fatalidades, que ao ente humano podem succeder sobre a terra, agrupavam-se n'este drama em redor de um infeliz caixeiro, oppresso por toda a qualidade de precauço. Era roubado, tinha fogo em casa, e cegava de repente. A moral, n'esta composição pantafassuda, tão depressa estava pelos pés como pela cabeça: o pae nobre reservava até ao

quinto acto o bom conceito em que tinha a esposa, que já Deus levára para si, e, como andasse de quisilia com um filho que lhe sahira traquina, erguia as mãos ao céo ao encontrar uma carta da mulher, escripta a outro homem, dizendo-lhe que o filho era d'elle: «Oh! felicidade! exclamava pouco mais ou menos este pae nobre, o meu filho é filho d'outro! minha esposa enganou-me, cobriu-me de opprobrio e de ridiculo! Parabens! parabens, não sou o pae de meu filho!« E então—prestigio solemne do absurdo, que até na moral se faz applaudir!—o publico estrebuchava de commoção. Tasso era um desgraçado sublime! N'um dos lances mais dramaticos, uma mulher que estava nas varandas vendo o espectaculo, e que chorava como perdida, recebendo todas as sensações porque passava o Cego, exclamava, alta voz, entre soluços:

—Abençoado seja o pão, que aquelle homem ganha!

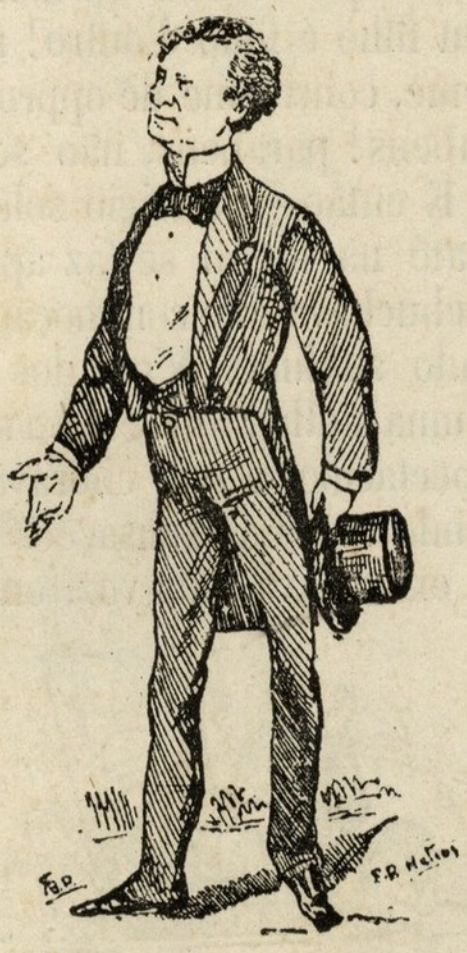
Tasso contava sempre esta historia.

Quando elle appareceu na arte, saudou-o a imprensa e saudaram-o as mulheres.

Dizia-se sempre:

—Elegante como o Tasso!

—Formosisssimo como o Tasso!



—Vestindo casaca como o Tasso!

A casaca tem sido em todos os tempos o pesadêlo do portuguez. Ha quem prefira não ir a um baile ou a uma festa,—ha até quem não se queira casar, para não ter de vestir casaca.

Tasso, bonito homem, esbelto, de cara e presença agradavel, perna direita, grandes collarinhos, e grandes ares, deitava-se á casaca por qualquer coisa, vivia de casaca, almoçava de casaca, dormia de casaca!

As mulheres pelavam-se por isso!

—E' tão fino! disiam ellas. Tão fino!

Elle, excellente rapaz—e não o houve nunca melhor — habituou-se docemente á elegancia e a deixar-se amar. Amavam-o destemperadamente. Chegou a ser horrivel,— mas gloriosa, aquella massada!

Um compendio de victorias e conquistas!

Estava moço, esbelto, e solteiro; e era o namorado, o amante, o fructo prohibido, em cada recita; já podemos fazer idéa das rixas, malquerenças, ciumes, e prantos por seu respeito. Os galans costumam ser odiados pelas tias, o que denota n'elles o crime de celibatarios por vocação, e astutos fugitivos ao recrutamento do hymineu. Que diligencias as actrizes não fariam para o levarem para o bom principio! quantas vezes haviam de dizer-lhe que recusavam por causa d'elle propostas para casamento, de diversos, que lhes arrastavam a aza, todos elles dotados de intenções honestas, mas que infelizmente se viam obrigados a esperar pela morte, este do pae, aquelle da mãe, o outro da mulher, tudo parentes apopleticos, eticos, ou hydropicos, que estavam para pouca dura! Quem sabe lá se

ellas lhe mostravam a elle mesmo as cartas com o fim de lhe accender ciumes: — mas, debalde! todo o bom galan tem d'entro d'alma seis livros sobre a arte d'amar, sem contarmos o d'Ovidio; levou por certo este homem feliz uma existencia de principe de conto da caróchinha, no centro do ruido, raivas, tempestades, injurias e folias da vida de palco, que tem tambem as suas horas de recordações alegres e cordeaes, da boa harmonia, das enchentes, e dos triumphos!

Nenhuma das actrizes d'esse tempo era feia e todas mais ou menos tinham disposições para a arte; os que me estão lendo bem se lembram ainda d'ellas; hoje, gordas, velhas,—coitadas!— já não ha forma de adivinhar em suas pessoas os bellos olhos d'outr'ora, a sedução, o chiste, o ar catita, a cintura de silpho, o pé *cambrè*. E depois, com actrizes portuguezas não póde viver-se bem sem lhes fazer a côrte; são uma especie de pasteis de sentimento; o amor é o seu primeiro guia, assim que podem engatinhar fazendo firmeza nas mãos; aos seis annos já namoram e já fallam d'isso; a actriz é extremosa em tudo: amisade é uma palavra fabulosa, que devemos sem ceremonia substituir por «amor»!

E o mais é que todo o mal vem d'ahi!
Ama-se de mais! e estuda-se de menos!...

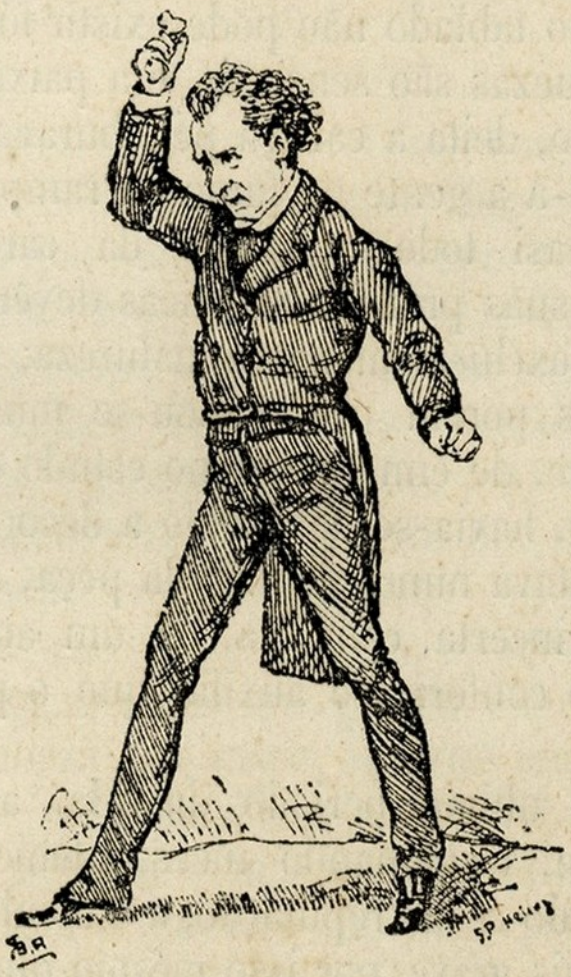
A differença dos nossos theatros aos do estrangeiro é que, por cá, ama-se com decencia, com sinceridade, e sem escandalo; a venalidade não reside n'estes peitos lusitanos, e não ha exemplo d'estas santas raparigas arruinarem viv'alma; apaixonam-se por escolha, discretamente, conforme ao exemplo que receberam de seus paes, se teem d'isso.—«Eu em me casando, largo o theatro!» dizem ellas; depois, casam com a condição de o não deixarem, porque quem viveu feliz no tablado não pode existir fóra d'elle. As portuguezas são sensiveis, e a paixão respira no palco, deita a cabeça pelo buraco do ponto, e sorve-a a gente no fumo da rampa!

Em quasi todo o tempo da carreira de Tasso, as suas prendas artisticas devêram sempre tudo exclusivamente á natureza; nos ultimos annos porem preoccupou-se muito, profundamente, de ennobrecer no estudo o seu talento. Mas, havia-se habituado a decorar de leve, não estava nunca senhor da peça, sahia-lhe a phrase incerta, convulsa, de um andamento caprichoso conforme o auxilio que o ponto lhe prestasse.

Foi, no ultimo periodo da vida, artista de consciencia, trabalhando incessantemente, engrandecendo a sua reputação; a difficuldade tornou-se mais grave, por isso mesmo que, na hora em que o futuro sorrira áquella juvenil vocação no despontar, haviam as distracções da mo-

cidade perturbado os vôos de um talento que o prazer chamava para si.

Fez heroismos de paciencia, mas tarde. Deu á memoria encargos com que ella já não podia, e contra os quaes protestava. Depois, bem vêem, em um actor não sabendo o seu papel na perfeição não pode quasi nunca ser grande. Uma ou outra vez o foi, em scenas rapidas, lances exagerados, chorando, enlouquecendo, gritando: ca-



sos de jogo, de allucinação, de ciume, de remorso...

Era um actor de raça. Ninguem nunca fez

mais, sabendo tão pouco. Tinha coração, tinha alma; era um homem.

Como aquelles grandes *virtuoses*, que percorrem com igual poder e com igual facilidade toda a gamma musical, assim a maleabilidade do talento de Tasso se prestava ás manifestações mais variadas da idéa theatral.

Engraçado sem esforço n'aquelle rapido acto do *Anno em quinze minutos*,

distincto e garboso sem ser presumido nos

Fidalgos de Bois Doré,

peça admiravel, como composição e como estylo, da grande George Sand.

Drama que sahiu completamente da tisana theatral, que se impinge por ahi ha trinta annos a fio em todos os theatros—mais como suadoiro que como divertimento.

Terrifico no velho da

Vida de um rapaz pobre,

Tasso sabia ser alternadamente a mocidade descuidosa e risonha: a edade viril, com a frieza e por vezes a crueldade que os annos trazem, e a velhice descarnada e tremula: agitada, ainda em cima, pelos remorsos, e pelos terrores.

Os seus amigos extranhavam-o nos ultimos tempos. Triste, enfastiado das coisas; desconfiado da saude e da vida, queixava-se de se sentir fatigado e doente.

—Não seja apprehensivo, Tasso! Vossê vende saude. Basta vel-o!

Elle sorria-se.

A pouco e pouco foi-lhe esquecendo sorrir, quando lhe diziam isso. N'uma noite de verão queixou-se no theatro da Trindade de haver tido que parar dez vezes para poder subir a calçada do Duque.

—Sentias calor, como toda a gente, responderam-lhe.

—Sentia mais do que isso; retrocou elle.

No dia seguinte procurou um medico, fez-se examinar, e recolheu-se a casa.

O medico encontrára-lhe uma angina pectoris,—o que quer que seja da familia das lezões de coração — e mandou-lhe que puzesse um caustico. Na noite immediata, mais triste, mais abatido, mais desconsolado do que nunca, disse a um amigo na occasião de se deitar:

—Já não me torno a levantar d'aqui!

Alta noite, tocaram a fogo os sinos. Elle contou as badaladas... O fogo era á Graça; as badaladas eram treze,—o numero fatal.

—Treze! disse.

Momentos depois pediu a mão á mulher, deu-lhe um beijo, e disse-lhe que ia descançar.

Descançou. O cegador que ceifa, ao sol, desde o romper da manhã, lá chega a hora em que precisa descançar tambem. Elle trabalhára desde os primeiros annos da vida, incessantemente, febrilmente, vivendo do coração, e fazendo-se ap-

plaudir á custa d'elle: o coração cançou-se d'isso, e matou-o!

Tem tido poucos galans o theatro de D. Maria, mas, em compensação tem tido grande numero de graciosos.

Citemos a passagem por aquelle palco do actor

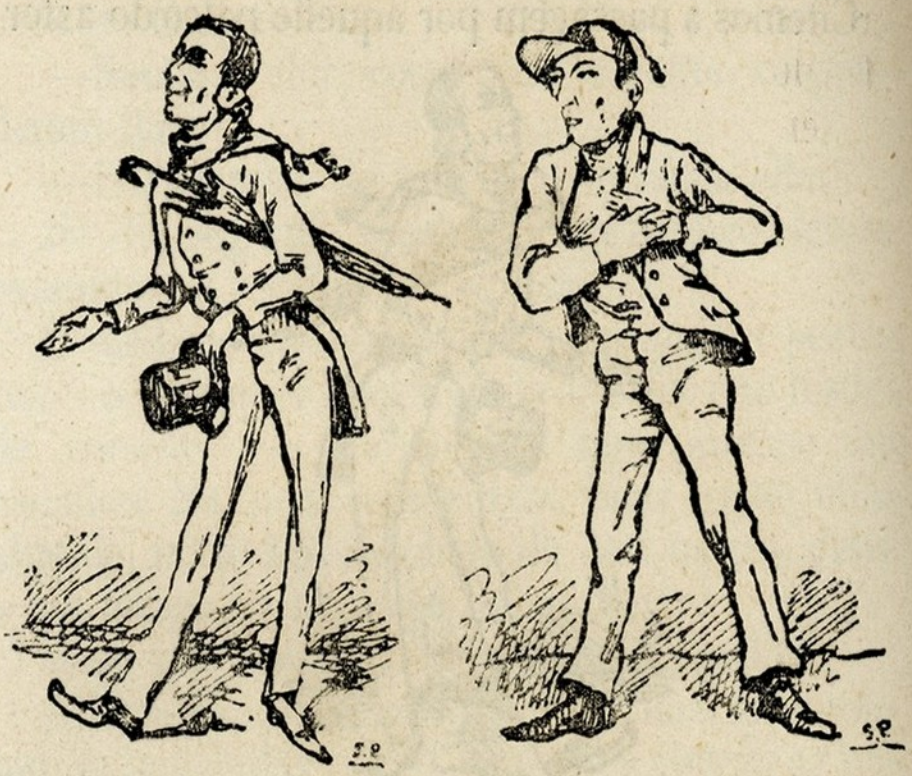
Marcolino

o chistoso e original Marcolino, um espirito que a doença atrophiou, e que a morte veiu apagar na flôr da vida: e o actor

Carvalho

de faculdades inferiores áquelle, mas agradavel por sua jovialidade, pela facecia burgueza.

Marcolino era o Scapin, Carvalho era o Re-



bolo.

Era um o espirito, outro a graçola.

Ambos elles tinham merecimento, mas Marcolino era uns poucos de homens e Carvalho era um homem só.

Os grandes heroes do riso n'este theatro, os generaes da gargalhada, teem sido principalmente:

Sargedas.

Theodorico.

Cesar.

Antonio Pedro.

Vamos primeiro que todos ao

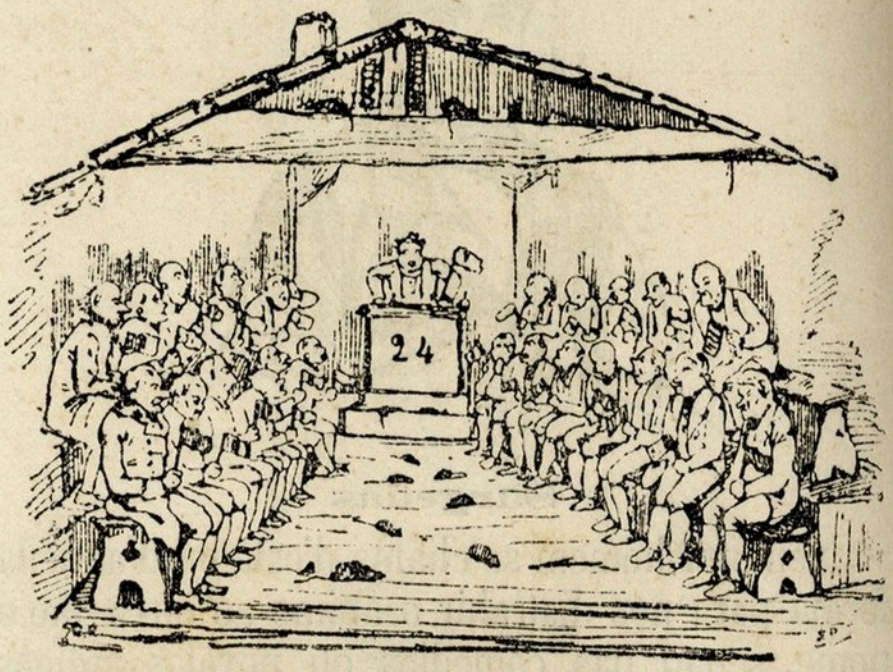
Sargedas

Nenhum homem se chama d'esta ou d'aquella forma para nos distrahir o animo ao ouvir-lhe o nome, senão nas comedias ou novelas antigas do genero burlesco; Manuel Mendes é uma farça, e Bertholdo uma farçola em feitio de conto. Perante a pia baptismal, não ha hoje pae que diga ao sacerdote que lhe chame Pancracio ao filho. Os nomes de farça acabaram com os entremezes. Quando um homem se chama Chrispim não tem obrigação de ser criado de comedia, como no reportorio antigo; mas quando se chama Chrispiniano, já a historia tem mais que sondar. . . E quando fôr Chrispiniano Pantaleão. não padece duvida que haja contos largos a referir do caso! E' o que succede d'esta vez.

Sargedas, era filho de Manoel Antonio Sar-

gedas, negociante de cabedal e mestre examinado no officio de sapateiro.

Existindo, n'aquelle tempo, as bandeiras de



officios, e a Casa dos Vinte e quatro — que era o Desembargo do Paço dos homens officiaes, não havia para os mestres de qualquer officio honra que mais lhes alegrasse o olho; ora, sendo, o pae do pequenito Sargedas solicito na educação de seus filhos, e engrandecimento de sua familia, já se pode suppôr que o acompanhassem grandes ambições.

Fez promessa de que o primeiro filho que lhe nascesse, logo que fosse juiz, teria o nome de um dos santos da bandeira!

Este pouco!

Fizeram-se as eleições, como de costume, no

fim do anno de 1812; em julho de 1813 nasceu o desejado menino.

O pae, fiel á promessa feita, hesitou em lhe chamar Chrispiniano, creio que por ser mais comprido — e, como o santo do dia (27 de julho) era S. Pantaleão, deu-se ao pequeno o nome de Chrispiniano Pantaleão, nome que sempre mais ou menos lhe offendeu a vaidade, mas que parecia talhado para um actor comico, por ser tão gracioso como a profissão.

De mais a mais, a figura d'elle dizia engraça-

damente com a profissão e com o nome!...

Bem devem de recordar-se ainda d'esse originalissimo maganão, verdadeira figura de fino

gracioso de comedia; pequeno e magro; ama-

relito, mas risonho: phisionomia que se prestava a toda a caracterisação, por mais variada, por mais opposta, e lhe permittia representar com egual habilidade, com egual graça, com egual correcção, um pequeno de doze annos, e... um

velho de setenta!

Fechára o theatro do Salitre, e a maior parte dos artistas formaram uma companhia

de que ficou sendo ensaiador o francez Emilio Doux no theatro da rua dos Condes.

O Epiphanio occupou o lugar de primeiro actor n'esta companhia. Emilio Doux era um mau actor que appareceu em Portugal vindo com a primeira companhia franceza que representou em Lisboa, a companhia de Paul e de mad. Charton. Diz-se que nunca conseguia representar papel em que a pateada lhe não desse naufragio. Encarregado de partes de importancia secundaria, era ainda assim sacrificado ao desagrado publico.

Este actor insufficiente, este actor pateado, era todavia um conhecedor dos segredos da scena e um esmerado cultor da arte! Este actor incapaz, que não sabia representar, era um bom mestre que sabia ensinar!...

Sargedas, que tivera, desde pequeno, gosto irresistivel pelo theatro, vivia a ler comedias e a pensar n'ellas.

Os theatros particulares da rua de S. Felix, Escólas Geraes, rua da Arrabida e Gascão, entonteciam-lhe a idéia; parava no meio da rua para declamar, andava a fallar só, não se recreava senão em soliloquios dramaticos, parecia não estar, como diz o outro, muito bom de cabeça! E n'essa occasião,—logo n'essa occasião!—appareceu um annuncio de Emilio Doux para quem quizesse matricular-se na escóla de declamação: como a hora era das sete ás nove, e ás nove é

que elle entrava para um escriptorio, onde o pae o empregára, correu a matricular-se em compa-

nhia de dois socios seus, Vannez e Meirelles.

Costuma diser-se—Não ha nada melhor que ser pequeno! e effectivamente a estatura breve tem como vantagens gastar um homem menos panno para o fato, esconder-se facilmente, e passar por creança quando for preciso; ao Sargedas, porem, deu-lhe sempre que fazer, o tamanho de que Deus o dotára. O proprio Emilio Doux, depois de o matricular, sorriu-se na despedida, e disse-lhe desdenhosamente: — *Au revoir, petit!*

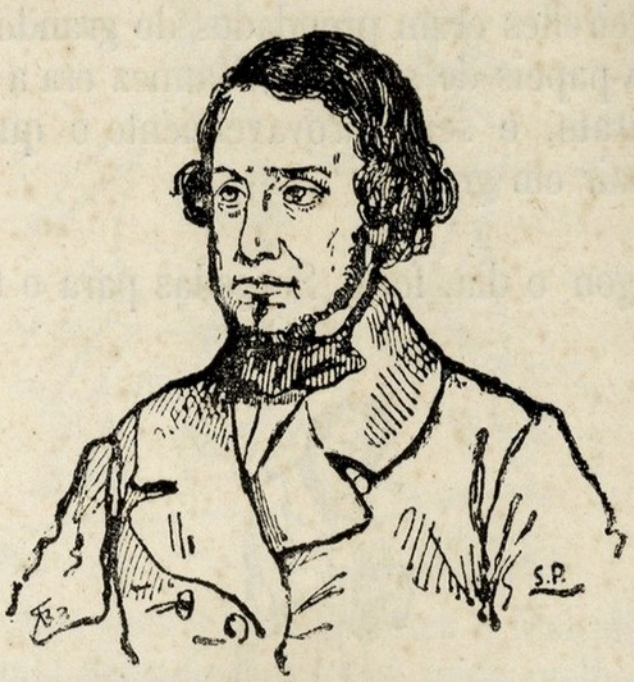
O peor do caso, é que Emilio Doux, do que precisava era de galans, e nem o nosso homem nem Meirelles eram prendados de grande belleza para papeis de *seductor;* Vannez era a flôr do triumvirato, e seria provavelmente o que mais devia cair em graça.

Chegou o dia, foi o Sargedas para o theatro

como um rapaz para a confissão, sem pinga de sangue! Declamou um papel, a que o ensaiador mesmo dava as *deixas* — phrase final da falla que precede — e o esmorecimento que o opprimia trocou-se em alegria á proporção que via rir o Doux, que no fim lhe disse — *Bon*, rapaz! *bon!*

Distribuiram-se-lhe outros papeis, e uma vez,

acabada a lição, foi detido pelo ensaiador, para repetir diante de



Almeida Garrett

então inspector dos theatros.

O genio esplendido que restaurou o theatro portuguez, não só pelos seus dramas, mas pelo impulso que deu á litteratura dramatica nacional, era o verdadeiro pae dos artistas e ninguem conseguiu melhor fazer-se comprehender por elles, tanta era a amenidade de maneiras e a graça affavel de expressão com que acolhia todos. Verdadeiro apostolo das artes, fez acreditar a Sargedas n'um futuro artistico mais serio, mais honroso, mais lucrativo, do que até então a vida da scena proporcionára!

Em maio de 1837, debutou no papel de José Maria do *Anniversario*, com Theodorico ve-

lho, Florinda e Maria da Luz, alcançando applausos, e—o que era ainda mais,—um abraço de Garrett!

Emilio Doux para lhe aproveitar a figura, deu-lhe os papeis de *Galucho, Prospero e Vicente,*

Gaiato de Lisboa,

Theofilo, André Rei de França, etc. E por todo este serviço recebeu o pobre artista no fim de um anno completo um quarto de beneficio, que deduzidas as despezas, lhe rendeu *trinta mil réis!*

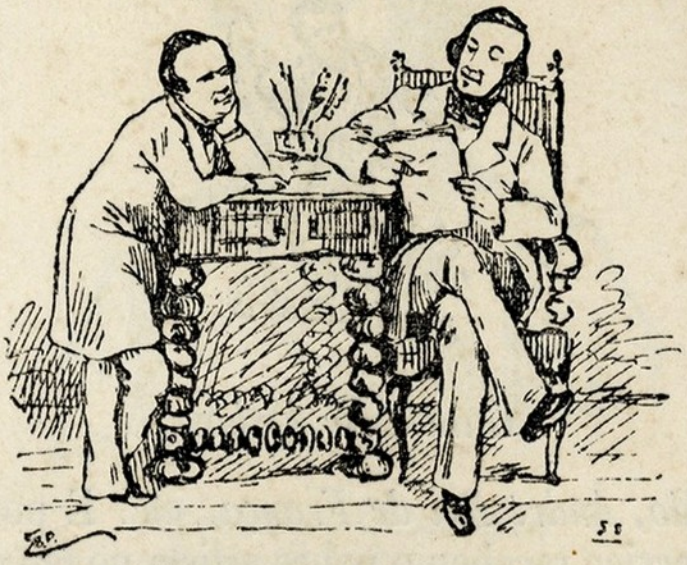
Diacho! E' certo que a gloria deve pagar por si mesma; mas ella na nossa terra... é tão caloteira!

O pobre moço teve de consolar-se com a arte, e com a amisade de Garrett.

Muitas vezes o auctor do *Auto de Gil Vicente* lhe prognosticou largo futuro artistico e o aconselhou a fugir da opera, que o conde de Farrobo estabelecera, dizendo-lhe que preferisse o drama e a comedia, visto Deus não o chamar para a musica!

—Sou escripturado, respondia elle! Que remedio senão obedecer?!

Em compensação dos conselhos que lhe deveu, servia-lhe como o criado ao Molière; Gar-



rett ia-lhe lendo as suas obras scenicas, a pouco e pouco, todas as manhãs, e substituia ou cortava, ouvindo-o. Foi n'este tempo que, depois de ter escripto o drama tentou a comedia e a farça, começando pela *Sobrinha do Marquez* e *Prophecias do Bandarra*, aproveitando para algumas fallas do primeiro acto d'esta as historias do pae sapateiro, que Sargedas lhe contava e que elle se recreava em ouvir!

Durante annos Sargedas foi moda:—a peior das coisas que pode succeder a um homem.

Ser moda é sempre mau, para um escriptor ou para um actor; para um artista, emfim.

Convem duvidar sempre, nos elogios da imprensa ou nos favores do publico, do:

Pulchre

Bene

Recte!...

Em quanto se exaltam as prendas que agradam por mania, deixa-se de fazer reparo nas qualidades solidas: depois passa a moda, e envolve-se de um dia para o outro no mesmo esquecimento as qualidades e os defeitos de um talento.

Não ha estima séria senão a que vae direita ao que offerece duração por entre o que não faz senão bulha.

Quando elle não conseguiu esquivar-se um dia ás amarguras que vão sempre de mescla com a gloria, voltou as costas a Lisboa e quiz ir trabalhar e divertir-se na provincia.

Correu Sécca e Mécca.

Trabalhou pouco e divertiu-se muito.

Que de historias contava, na volta, e como as contava bem!

Lembra-me ainda do que eu ri, quando elle narrava, por exemplo, a sua entrada em Villa Real de Santo Antonio.

—Onde é aqui a estalagem, senhor? perguntou a um homem do sitio.

—Na cadeia! respondeu o interrogado.

—Na cadeia! replicou Sargedas, assustado.

Na cadeia, porque?

—Não ha aqui estalagem: responderam-lhe. O carcereiro é que costuma acceitar hospedes, mesmo na cadeia,—porque não ha presos.

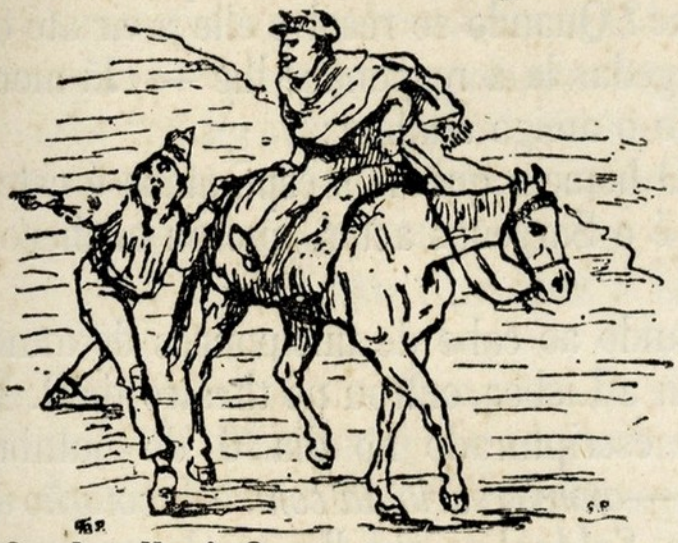
—Não ha presos! Moralisada terra em que não ha malvados!

Mas, temendo sempre os direitos do chaveiro, pareceu-lhe melhor requestar o agazalho de um padeiro, que lhe proporcionasse um vão de escada com um colxão em cima do lagedo.

Outra historia boa era a chegada d'elle a Faro.

—Então isto é que é Faro? diz para o arrieiro.

—Sim senhor: lá está o collegio!



—Qual collegio?

—O *triato!*

Apeou-se, atravessou um grande corredor e encontrou um amigo que o apresentou á maior parte dos socios, que n'essa occasião estava no theatro.

—O sr. Sargedas! disse o amigo apresentando-o.

—Ah! este senhor tambem é Sargedas...!

replicou um dos socios, perguntando-lhe depois com a melhor boa fé: Então o que é feito do sr. seu pae? Quando se resolve elle a vir até cá?

Sargedas ia a responder-lhe — «Já morreu!» quando o amigo atalhou:

—O homem que nós esperamos é este, este é que é o Sargedas actor, que eu conheço!

Quando ao cabo de uns poucos de annos regressou a Lisboa, entrou no theatro de D. Maria.

Foi escripturado no dia 6 de outubro de 1852,—*anniversario da contra-revolução do duque de Saldanha*, que lhe rendeu uma celebre pateada por causa do hymno, pateada memoravel.

Assignou a escriptura no dia 10 d'esse mez, *anniversario da sahida das tropas de D. Pedro, em* 1833 *das linhas de Lisboa*, em que deveu a ser pequeno não ficar estirado ao pé do palacio das Larangeiras com uma bala que só lhe levou alguns cabellos, que com o medo se lhe tinham posto em pé; recebeu o primeiro papel em 26 de Outubro; n'este dia teve sua mãe um ataque de paralisia; foi apresentado ao director do theatro para collocação de scena, n'uma sexta-feira 14 de novembro, em que houve um tremor de terra; — e teve o primeiro ensaio de apuro, marcado na tabella, a 15 de novembro, *dia da morte da rainha!*

Elle tirava com graça a prova a todos estes

acontecimentos, que lhe representavam cifras! e realmente dir-se-hia que todas essas coincidencias foram presagios das contrariedades, que o esperavam na época que depois atravessou!

A escóla dos theatros de provincia havia prejudicado, até certo ponto, a forma correcta e fina da interpretação que costumava dar aos papeis: na occasião em que regressou a Lisboa, aquelle talento fulgurante de espirito e de chiste parecia haver perdido a melhor parte da sua originalidade, e já não poder aspirar a viver no animo do publico senão pela lembrança dos triumphos que alcançára!

Uma secreta tristesa lhe opprimiu o coração, ao julgar perdidas para si as glorias consoladoras da scena;—e todo o estudo a que se entregou desde esse periodo, consistiu em emendar os defeitos de escóla, que a provincia imprimira no caracter do seu talento!

Improba tarefa! O actor que ao entrar da vida, no momento em que a sua vocação desabrocha ardente e juvenil, vence n'um breve periodo, auxiliado pela vehemencia dos instinctos, a distancia que a arte costuma proporcionar ao estudo e ao tempo, não commette decerto a metade do heroismo que um actor consegue, quando, um momento alheadas as tendencias do seu talento no que elle possa ter de mais pronunciado e especial, de novo emprehende o estudo que já não tem por fim, como outr'ora, descobrir-

lhe horisontes que mal presentia, mas destruir os defeitos e os vicios que uma escóla estranha á arte havia, com o tempo, infligido na sua indole.

Elle intristeceu então, o pobre Sargedas, e perdeu por uns tempos a amavel alegria com que esmaltava na vida tudo quanto fazia e dizia.

Pela rua até, de mais a mais, não havia amigo tolo que o não incommodasse:

—Estás velho, Sargedas!

—Estou, resmungava elle.

Outro ia abraçal-o para lhe dizer:

—Estás mudado! muito mudado!...

Bem tinha rasão a copla da peça em que elle se estreára outr'ora:

Quem tem mazella...

O boato de estar velho e gasto, prejudicou-o por todos os modos. Os authores e os traductores fugiam de lhe dar papeis, ou se lh'os concediam eram differentes do seu genero; na escriptura d'elle não havia como nas dos seus collegas a condição de só representar *primeiras partes*, e elle só então conheceu os encargos d'essa falta. Concorreu tudo para a sua queda. O commissario do theatro, no fim da primeira época de escriptura offerecia-lhe duas terças partes do ordenado que então tinha, para o escripturar de novo! Uma carta de

Rodrigo da Fonseca Magalhães

ao commissario, dizendo-lhe:

Amigo

O actor Sargedas ficou em Lisboa a instancias minhas, e eu prometti-lhe para o futuro as mais vantajosas condições, por tanto... etc.

fez com que se mudasse de resolução, mas não impediu que se continuasse a dizer por toda a parte:

— O Sargedas parece outro!
— O Sargedas está perdido!

E quando o viram no *Dote de Suzana*, no *Roubo* etc., peças que n'esta época se repetiram, applaudiam-o, mas iam dizendo sempre:

—O Sargedas está perdido!

Ah! é uma coisa difficil, a gloria!

Não se conhece bonito que custe mais caro, e que se quebre tão facilmente!

O unico que tem conseguido fazel-a durar com vida e saude e ir mugindo-a com toda a pa-

chorra como quem muge uma vacca, é o nosso

Theodorico

Sente-se em Theodorico a força, a vida, a iniciativa, a individualidade que caracterisam os actores da velha guarda. Elle está velho, um pouco affastado da scena e das auras populares, fóra dos *réclames* e do incenso quotidiano com que os traductores officiosos recommendam nas folhas publicas o desempenho pyramidal das peças de que elles recebem

direitos de receita; são restos, talvez, mas valem ainda hoje mais aquelles restos do que as estereis premicias de muita novidade, que a toda a hora por ahi assalta a gloria, como quem lhe rouba o lenço.

E' alegre, é vivaz, é forte: impõe o riso, torna communicativa a sua galhofa, não se pode

estar serio em o vendo n'uma peça jovial; em vez

de tirar, como succede a alguns, a graça ás co-

medias — augmenta-lha. E' o pimpão da alegria!

Demorêmo-nos a examinar por um momento a sua historia.

Havendo-se estreado em 1836 n'um theatro particular, alcançou tanta aura popular que logo em 1837 o convocaram como escripturado para o theatro do Salitre, onde representou no drama *O Serralheiro Hollandez.*

Estava o Salitre irregularissimo n'essa época; e, movido pelo desgosto que devia causar-lhe o estado em que o theatro se incontrava, acceitou em 1838 uma escriptura para o theatro da rua dos Condes, conservando-se ahi até 1840, encarregado apenas de papeis de importancia mediocre

a que seria difficil attribuir genero, e em que a indole do artista custosamente poderia revelar as tendencias que devêssem leval-o a alguma preferida escóla. Desde 1840 até 1843 fez parte da companhia d'esse theatro, sendo empresario o conde de Farrobo, e tornou-se estimado do publico pelo acertado desempenho de papeis nas peças *Os chapeus sediciosos*, *As orfãs de Lisboa*, *Amazampo ou a descoberta da China*, etc.

N'esta época, subiu á scena a traducção do drama, ou «mysterio» para irmos d'accordo com a classificação do auctor, *Don Juan de Marana*, de Dumas. O elemento do bem e do mal, symbolisados n'um anjo propicio e n'um anjo adverso, formam o fundo d'esta composição dramatica que requer uma execução esmerada e completa para se fazer tolerar. O actor Roza, encarregado do papel de Anjo mau, adoeceu no dia immediato á primeira representação: Theodorico, incumbido de o substituir para a recita seguinte, estudou o papel em doze horas e conseguiu fazer-se applaudir no desempenho d'esta parte que se lhe conservou em todas as outras representações.

Em 1843 foi convocado para socio, e classificado primeiro artista por um jury, nomeado pelo governo, de que faziam parte os srs. Cascaes, Felner, etc. O velho Achard do *Capitão Paulo*, o traidor Antonio na *Dama de San Tropez*, e o escravo na *Pobre das ruinas*, do sr. Mendes

Leal, foram os seus papeis de mais notavel e festejada execução até 1846, época em que entrou para o theatro de D. Maria II como societario, em virtude do decreto de 30 de janeiro do mesmo anno; sendo, durante o tempo da associação, que durou de 1846 a 1853, eleito pelos seus collegas para o lugar de director, cargo que exerceu até ao fim da sociedade, assim como o de thesoureiro a que foi eleito em 4 de maio de 1848.

N'esta época mais do que em nenhuma outra, foi o talento d'este actor prestavel ao theatro. Principalmente no

Alcaide de Faro

revelou na execução do papel de protogonista uma

decidida superioridade. Era o vulto do alcaide em toda a elevação, dignidade, e grandeza, que o auctor lhe attribuira, sem que os habitos de declamação melodramatica atraiçoassem d'essa vez os esforços que fizera para os esquecer, e a mestria com que o conseguira.

E todavia,—cruel zombaria do talento humano!—o actor que nos impressionára e commovera pela interpretação grandiosa que soubera dar ao papel do Alcaide, quiz incontrar recursos na sua veia dramatica para vir apagar a impressão da vespera, e apresentou-se-nos no *Diabo a quatro*, de rosto bezuntado e mãos sujas, n'um ignobil papel de sapateiro bebado, para obrigar a rir as platéas que o seu talento tinha conseguido, pelo *Alcaide*, fazer chorar!

Ah!

Não sejamos ingratos...

Esse homem foi por muitos annos o artista por excellencia da galhofa nacional. Decoravam-se os seus ditos, repetiam-se os seus chistes, imitavam-se os seus tregeitos...

Percorria a gamma dos sentimentos.

Das oito ás onze fazia chorar as creanças, mettia medo ás mães, inquietava o auditorio, assustado e medroso ao vel-o e ouvil-o.

Á meia noite estalava a gente de riso, tão depressa elle apparecia na farça e cantarolava — por exemplo

Se vens ao casamento
Com esse casacão...

Ó *Duende!* Onde ficas tu já na historia do theatro...! E entretanto quem nos dera agora rir como então riamos!...

Chamaram-lhe exagerado.

Nenhum dos actores dramaticos, que teem atravessado o periodo decorrido de mil oitocentos e cincoenta até hoje, se conserva isento dos defeitos qne o genero de obras que teem representado necessariamente havia de imprimir no seu caracter artistico. Se em Theodorico foram mais salientes estes resultados, é porque o genero dos seus papeis, mais do que o de todos os outros, conduz o actor a esses mesmos descaminhos.

Se absolvemos, em attenção ao genero das peças, os galãs e os centros que exageram; como havemos de condemnar o traidor por cair n'es-

ses defeitos!? O traidor é o mais absolvivel de todos, porque no traidor se cifra o melodrama; dizer melodrama, ou dizer traidor, é a mesma cousa. E se Theodorico exagera, é para dar aos sombrios vultos de que costuma encarregar-se, todo o horror, toda a difformidade que esta ordem de papeis possa pedir. N'uma peça, *Fé, Esperança, e Caridade*, lembra-me que elle representava por tal fórma possuido do caracter do personagem, que chegou a revoltar-se o publico contra o typo e a patear o actor, como unico desafogo que podia ter para com um tyranno cuja preversidade o incommodava como se fossem cousas reaes tudo que se estava passando da caixa do ponto para lá!

Os papeis de traidor nos melodramas são como as primeiras composições de Verdi, que não exigiam methodo, correcção e gosto, mas largos pulmões para cobrir com a voz a opulencia de uma instrumentação ruidosa. Quando durante algum tempo Theodorico exagerava, era porque o author havia exagerado tambem na vehemencia das apostrophes, na invenção de personagens monstruosos, nas explosões de uma oratoria grutesca e hyperbolica!

Mas, infelizmente, esses defeitos haviam de perpetuar-se, e por mais diligencias que o artista fizesse para corrigir-se d'elles nas peças de diversa indole, transpareciam forçosamente através dos esforços com que procurasse occultal-os.

E' o que succedeu.

Em muitas occasiões o habito, essa segunda natureza, atraiçoa-o: insensivelmente vae erguendo a voz, abrindo os braços, recuando para depois avançar, e cae ás vezes nos defeitos que conseguiu evitar na vespera se acaso foi recita que lhe merecesse entregar-se a esforços aturados e constantes.

O que ha mais especial e pronunciado na feição artistica d'este actor, é que elle parece realisar o *qui-pro-quo* chistoso de *Prospero e Vicente:* é dois actores, dois caracteres, dois artistas, dois Theodoricos n'um só, conforme o publico que vê diante de si!

Se lhe derem um auditorio illustrado, se ao entrar em scena vir nos primeiros bancos da platéa algumas das illustrações litterarias do nosso paiz, representará o seu papel dando provas da alta comprehensão que o distingue, de grande conhecimento de scena, e de bom methodo na declamação. Trata-se, porém, de uma representação em beneficio, e consta-lhe que caiu n'aquella noite em pezo sobre a platéa todo o bairro d'Alcantara por ser beneficio de alguem que more lá para a Pampulha,—vereis que é outro! Tem outra voz, outros gestos, outro jogo de phisionomia, accentuação diversa nas phrases, e uma interpretação totalmente differente da que na recita anterior havia dado ao papel!

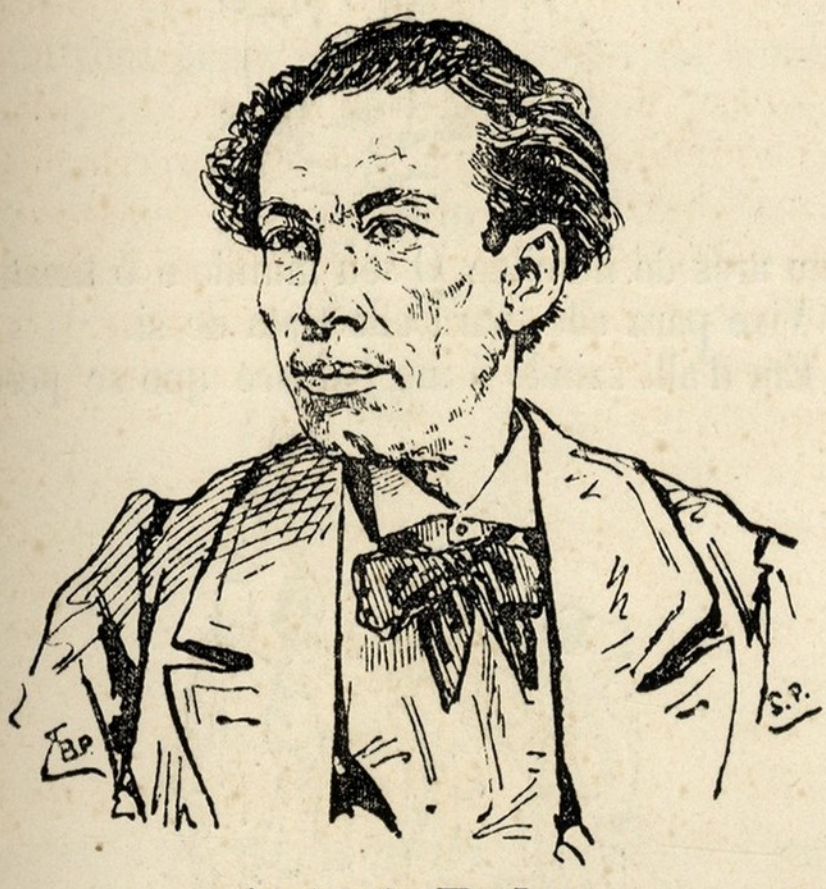
E ninguem se lembra n'essas noites de que

elle é tambem o velho escravo da *Cora*, ou o pae

da *lorette* no *Porteiro da casa n.º* 15, ancião exercitado nas lides da choradeira e da gargalhada, do terror e da risota; emulo dos Epifanios, dos Tassos, dos Victorinos, nos triumphos da vingança, da dôr, e do soluço: e rival dos Sargedas, dos Lisboas, na pilheria: superior n'isso mesmo, talvez a elles, superior até á propria

Barbara

que era uma velha gorda, muito esperta, muito engraçada, muito *mal feitona*, que teve durante annos o privilegio de produzir colicas de riso ao publico de Lisboa, e que era realmente impagavel de graça e de ratice na parteira do *Trapeiro*, e na Madame Pipelet dos *Mysterios de Paris*: montanhosa, disforme, grutesca, — um boi vestido de mulher!...



Antonio Pedro

Grandemente e sinceramente modesto; nem a affectação hypocrita dos vaidosos sem coragem, nem a baixeza comprimenteira das nullidades; simplicidade natural, o modo expontaneo

de um homem que nem se dá ares de charlatão,

nem ares de humilde. O seu mundo é o theatro.

Vive para elle, para elle trata de si.

Em d'alli saindo é um patusco que se perde

na onda, que se confunde na turba.

Exactamente como os escriptores notaveis desdenham ás vezes brilhar nas conversações, costumados como andam a brilhar para o publico, quando, em vez de fallarem com tres pessoas, fallam a quinze mil do alto de um artigo ou de um livro, assim elle não se preoccupa com a rua nem com a praça: a sua praça e a sua rua, é o tablado.

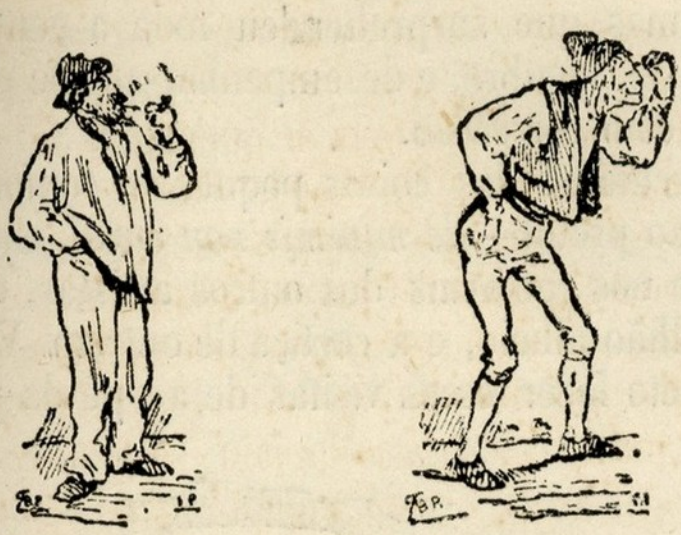
Cá fóra passa na sombra como um homem

qualquer, que gosta de um petisquinho á noite n'uma tasca aceiada, sabe onde se frege o linguado com mais amor, e onde a azeitona é mais bem temperada.

No tablado é o personagem.

O judeu do *Juiz*.

O janota dos *Solteirões*.



O Communista do *Rabagas*. O moleiro do *Pedro Ruivo*.

O famoso *Paralytico*, que parecia estrear alguma curiosa trilogia de parodia ás enfermidades, e ir continuar pelo *Anemico*, e pelo *Hydro-*

pico, mas que surprehendeu toda a gente por ser triste, lugubre, e desempenhar-se elle do seu papel com correcção.

Descuidoso das coisas pequenas, conforme é dado ao pretôr—*de minimis non curat*, caracterisa-se nos camarins dos outros artistas, com o vermelhão alheio, e a cortiça de outrem. Vae no entreacto fazer essas visitas de ao pé da porta,

e diz ora a um ora a outro:

—Então como vae isso?

—Bem.

—Vae bem, esta noite?

—Como sempre.

—Graças a Deus! Sempre assim digas. Deixa-me cá ver...

—A lingua?

—Não. Já me disseste que estás bom, é quanto me basta para meu socego. Deixa-me ver... o vermelhão?

—Queres vel-o?!

—Quero. E' só dar-lhe as boas noites...

E *zaz;* ahi se chega ao espelho, ahi *faz* as faces, e ahi arranja os olhos.

Depois, com a maior placidez:

—Até sempre!

E vae para a scena.

Não ha o direito de perguntar a um homem se elle estuda e quando estuda, desde que se observa que são evidentes os seus progressos. Se Antonio Pedro estuda nos livros, não sei; sei que o seu talento se tem desenvolvido consideravelmente, e que, de dia para dia, em successivas manifestações de aptidão, se vae revelando o engrandecimento das suas faculdades e a riqueza das suas posses artisticas.

Não me proponho citar todas as peças notaveis, nas quaes os differentes actores de que trato n'este volume affirmassem a sua aptidão e os seus direitos á celebridade. Demorar-me-hia aliás a registar todo o movimento litterario que o visconde de Almeida Garrett, de quem o sr. Carlos Bento disse, n'uma phrase admiravel de elegancia e de conceito, «que não era só um litterato mas uma litteratura», imprimiu ao theatro portuguez; e fallaria detidamente de muitos outros. Gomes de Amorim, por exemplo, que, pelo *Ghigi*, *Cedro Vermelho*, e *Odio de Raça*, mereceu durante annos o enthusiasmo e a dedicação das platéas, está reservado para quando, a proposito dos *Herdeiros do millionario*, tenhâmos de fazer sentir a maleabilidade do seu talento de escriptor de theatro, que soube primar nos lances da poesia dramatica, e nas graças da comedia nova.

Comquanto a companhia do theatro de D. Maria não seja já hoje o que conseguiu chegar a ser, no tempo em que ali se achavam todos os artistas novos importantes e aquelles que ainda duravam da antiga e unica geração de actores que tivemos, apresenta todavia um pessoal abundante.

N'outro volume que vamos empreender e que hade intitular-se *Os theatros secundarios* terão de entrar muitos artistas de que não se trata especialmente agora, por isso que elles ganha-

ram o seu nome, fizeram a sua principal carreira, e de algum modo se prendeu para sempre a lembrança que se lhes consagra á scena em que se criaram, ou áquella em que mais se distinguiram. Por isso, se não tratamos agora, por exemplo, de Cesar, o alegre e intelligente

Cesar

franco e aberto de indole como artista e como homem, é porque o reservâmos, *con amore*, como uma das principaes figuras d'outro livro.

Citemos porém um moço, dotado de finas qualidades, sagaz, gracioso, sabendo dizer com malicia, sem pôr em italico as intenções:

Mello

O corpo não lhe hade crescer já; mas vale a pena dar-lhe papeis, por ser o seu espirito susceptivel de progredir; no theatro de D. Maria se estreou, n'este theatro se deve registar o seu nome, como o de uma vocação delicada que não vae nas piugadas d'este ou aquelle, nem entorta o passo atraz d'alguem.

Amelia Vieira

A actriz sahiu das *Variedades*, conhecidas geralmente por theatro do Salitre: o nome creou-o no theatro de D. Maria, mercê dos seus esforços: não é portanto áquelle modesto theatro que pertence *ab origine* esta gentil artista, mas ao theatro normal.

Seria abrir uma lacuna, ou offuscar a historia de um theatro, ir attribuir á de outro a gloria de qualquer artista que não poude conquistar n'um certo palco os triumphos, que, mais tarde—porque o genero de peças ou os seus esforços e a lição de outro ensaiador o auxiliaram, veiu a alcançar definitivamente; e tambem ha, não raras vezes, exemplo de um ou outro artista, que fôra notavel n'um tablado, merecidamente distincto e estimado, perder o pé, como os nadadores, ao passar para outro palco de indole alheia áquella a que estava habituado, e em que estranha tudo desde as peças até os collegas, desde os collegas até o publico.

E' esta a explicação de não se encontrarem n'este volume senão citados de relance, e alguns nem isso, artistas que hão de ter, no livro de outros theatros, os seus fastos e a sua historia.

Depois, eu guardo ás vezes reminiscencias de um artista da epocha em que pela primeira vez o vi, da quadra em que elle me pareceu digno

de attenção, ou d'aquella em que me impressionou, — sem poder abstrair, para tratar d'elle, das circumstancias que n'esse tempo o rodeavam, do *meio* em que vivia, de tudo que de algum modo me parecia completal-o, ou fazel-o sobresair, uma de duas; por exemplo:

Virginia

que eu vi no theatro do Principe Real, nos *Solteirões*, em que a admirámos todos como se admira unicamente alguem em quem se adivinhe talento; Virginia, que é uma originalidade no nosso theatro moderno, uma especialidade, não a tristeza tragica, mas o sorriso, a malicia, a espertesa da comedia, um pouco tambem a melancholia do drama; não Ophelia, não Julieta, não

Margarida; não fazendo talvez renascer a Lyra n'uma epocha em que até esse nome anda esquecido; mas podendo os cysnes novos chamar-lhe Deidania: viva intelligencia, graça gaiata: e depois olhos magnificos, voz encantadora, sombra assedada das pestanas, fartura de cabellos... Fallaremos d'isso tudo.

E, por essa occasião, de outra actriz do *Principe Real*.

A sr.ª

Falco

grrrande dama, como dizem os francezes, *très grrrande dame* de comedia, esbelta, brilhante appareceu-nos uma noite na *Harpa de Deus*.

Alto!

Esta *Harpa* toca mais longe.

Guardêmol-a; e ao seu auctor,

Cesar de Lacerda

homem de talento, auctor de grande numero de obras dramaticas; fugitivo, que depois dos

Dois mundos, da *Ultima carta*, do *Cynismo*, da *Aristocracia e dinheiro*, dos *Homens do mar*, passou ao Brazil, *aos Brazis*, de onde voltou

com duas obras novas... em collaboração com sua mulher, a actriz Falco,—dois meninos.

Aqui temos, porem, uma artista que se estreou no theatro de D. Maria e n'elle se tem conservado:

A sr.ª

Gertrudes

O seu nome andou já de certo modo ligado á litteratura, mais do que como actriz, como inspiradôra. Isso já se perde na nevoa do tempo e na poeirada dos boatos de bastidor.

E' uma intelligencia sagaz; comprehende os papeis, e, sem se dar ares de salvar o drama, a tragedia, a comedia, a farça, passa por tudo isto com muito aceio.

Depois, é mulher agradavel, de apparencia sadia, o que os nossos paes chamavam desenxovalhada e interessante.

Não será de um calôr de paixão por ahi além; não terá o coração á bocca; não será preciso tocar a fogo quando ella declama: mas deixa-nos descançar das berrarias alheias, e, ao passo que

o ouvido lh'o agradece, tambem ás vezes lh'o agradecem o espirito e a razão.

Fechêmos este theatro. Só mais dois nomes: a celebridade de hoje, — e a estrella de hontem...

Emilia Adelaide

O drama familiar e intimo parecia estar esquecido definitivamente, e os escriptores mais notaveis do paiz haviam renunciado ao genero por falta de interpretes. Cahira em desuso o melhor reportorio e representava-se quasi sempre para os bancos da platéa, quando appareceu subitamente uma actriz que ninguem sabia

d'onde viera, que não havia estado em nenhum Conservatorio, e que, com grande pasmo a principio, e geral applauso logo depois, representou muitos papeis difficeis e importantes.

Escrevia quasi exclusivamente para ella n'esse tempo um auctor moço, querido das platéas, e cuja fertilidade como dramaturgo a imprensa registrara com louvor; o sr.

Ernesto Biester

Em successivas composições d'este escriptor,

intencionalmente moldadas para a indole ardente, sincera, temperadamente melancholica da actriz, soube Emilia Adelaide dar vida a muitas heroinas essencialmente modernas. Foram os seus triumphos quasi sempre legitimos e sem protesto contrario da parte da opinião.

Não é actriz tragica; não lhe iria bem nos hombros voluptuosos, mais proprios para se decotarem nos bailes, o manto grego; nem realisaria as castas e heroicas figuras da tragedia antiga. Mas ninguem diz com maior verdade as phrases do estylo actual, nem interpreta de modo mais harmonioso, firme e sem violencia, as concepções dos escriptores dramaticos d'este tempo, assim da França como da nossa terra.

Manuela Rey

A hora melhor da vida é aquella em que a creatura, depois de haver interrogado os seus destinos, chega a descobrir o rumo que deve seguir e de que nunca mais se hade apartar. Avis-

ta então a estrada toda, e conhece que a terra obediente a irá levando ao fim...

Manuela Rey chegára até essa hora.

Creança infeliz, ganhando o seu pão desde o berço, arrastando-se de terra em terra com uma companhia ambulante que veiu parar a Lisboa, uma infima companhia hespanhola que deu representações no Salitre, a pobre Manuelita apparecêra entre nós n'uma peça *El hijo del ciego.*

Depois das mil incertezas que a desgraça traz, depois de mil revezes ignorados, lucta obscura com a miseria e com as tentações, appareceu no tablado de D. Maria, já mulher, mas em todo o viço e frescôr da vida, esta rara e encantadora actriz.

Era bonita, seductôramente loira, meiga, simpathica, graciosa como mais ninguem. Pela rua, ao ir para os ensaios, via-a a gente vestida com uma singeleza que tocava um pouco o desleixo, penteada como dizem os francezes *à la diable*; mas respirava em toda ella uma elegancia nativa, um aroma de juventude, de poesia, e de bondade.

No olhar vivissimo, no leve encrespar da fronte, nobre, intelligente, na prega eloquente dos cantos da bôcca, no ar ora triste ora innocentemente alegre, sentia-se a vontade e a força d'aquelle talento peregrino.

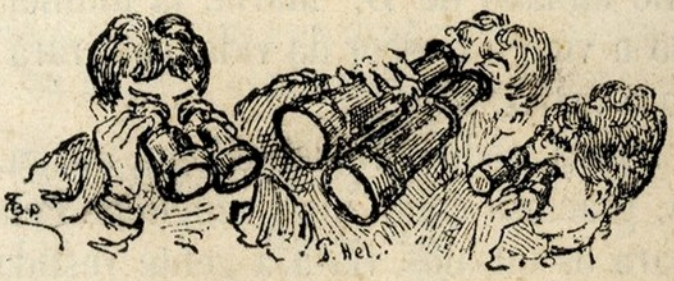
Era uma aurora.

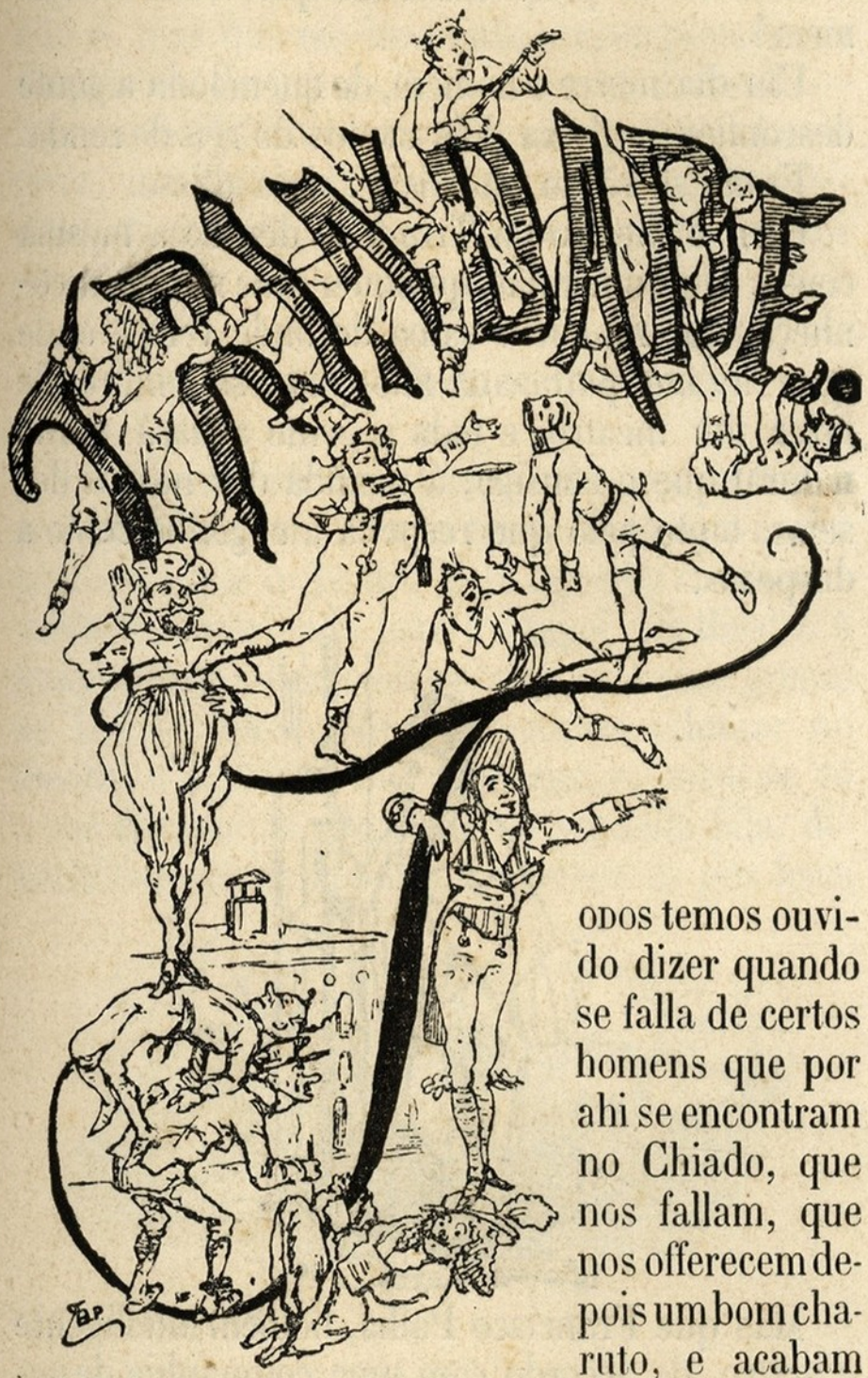
Principiara a sua carreira sem nome e sem

fortuna, e em poucos dias ia a sorrir-lhe ternamente a felicidade e a gloria.

Gloria passageira e ephemera; felicidade de relampago... Grande genio, supremo; e suprema desventura.

A vida de artista tem a sua rega como as flores: precisa de soffrer e amar; lagrimas, e calor. Ella teve a onda, faltou-lhe o sol.





Todos temos ouvido dizer quando se falla de certos homens que por ahi se encontram no Chiado, que nos fallam, que nos offerecem depois um bom charuto, e acabam por nos dar o braço:

— Não se póde saber de que vive este homem!

Um dia morre o homem, de quem toda a gente desconfiou, e deixa dois contos de réis de renda.

Então se vê do que vivia; vivia d'isso.

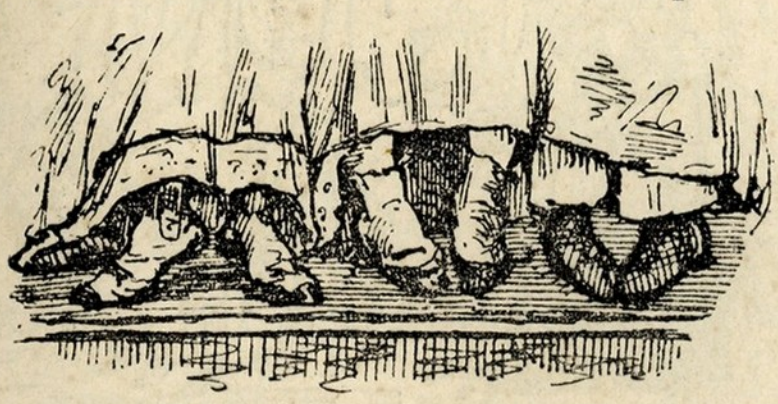
Com o theatro da Trindade deu-se a mesma cousa. Que um ratão qualquer, que ninguem conheça, que ninguem saiba de onde vem e onde quer ir, um patrasana anonymo, se lembre de fazer um theatro, e toda a gente achará muito natural que o consiga, á medida dos nossos desejos, tanto pelo que respeita a engenho como a despezas.

Mas que Francisco Palha, homem intelligente e activo, de accordo com uma companhia de accionistas — que são simplesmente os primeiros

negociantes do paiz, á excepção de um que o não é, mas que me dizem não ser completamente desprovido de posses, o sr. duque de Palmella— lograssem edificar um theatro, com pedra, cal, madeira, e outras exuberancias, não se podia acreditar que similhante cousa conseguisse ir por diante...

—Ora, boa noite! Isso, são historias!

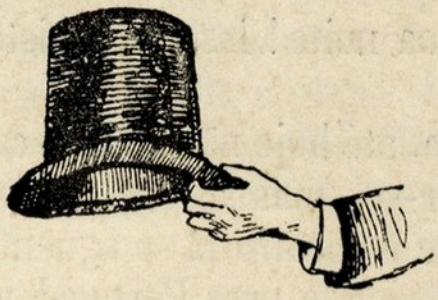
Entretanto, até hoje não se sabe como e nunca poderá saber-se, mas a verdade obriga-nos a confessar que o theatro lá se aguenta como uma verdadeira novidade para Portugal, um theatro á franceza, uma *bonbonnière*, que alcançou, graças ao balcão, que emfim se podesse admirar no theatro o vestuario das senhoras; e, como se vê o fim da saia ás que estão na segunda filla, diminuiram muito nos ultimos annos os pés feios



ou mal calçados.

De aspecto geral, vistoso, elegante, conhece-

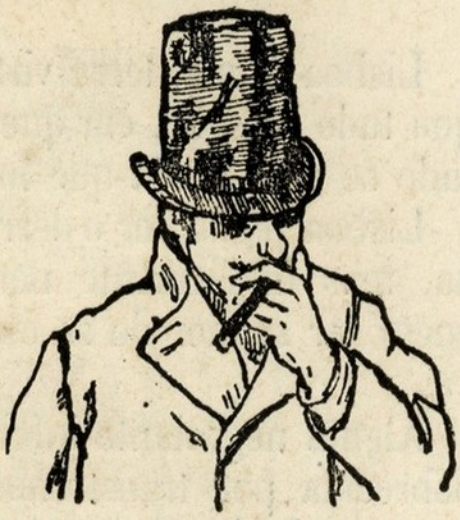
se que se pensou em tudo, e até as cadeiras são de assento movediço, e chegaram a ter o que quer que fosse para segurar o chapeu, innovação adoravel, porque, de todas as pequenas miserias que podem levar um homem de bem ao suicidio, não consta de outra mais irritante do que o embaraço que produz durante uma recita



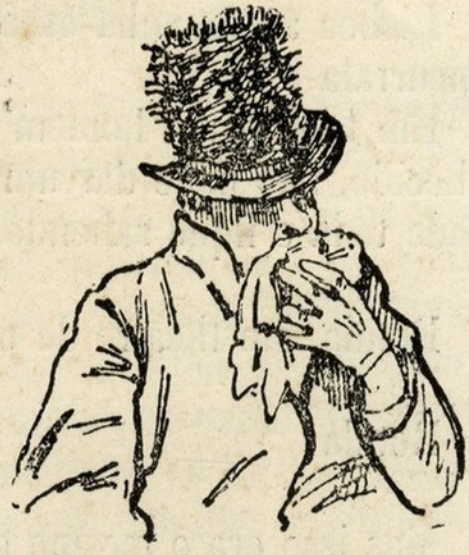
inteira este zabumbinha, que uma pessoa ora põe

ao peito, ora em cima dos joelhos, ora para bai-

xo dos pés, e que apesar de todas as cautellas



sae sempre do theatro amolgado,



acochichado, arripiado!...

Para que nada escapasse, até fizeram umas frizas com rotula á maneira das de Paris. A ro-

tula porém passou pelo desapontamento de estar sempre aberta...

Lisboa é uma terra virtuosa e patriarchal, em que tudo se sabe, em que tudo se conta, em que tudo se vê... ainda que haja rotula.

Lisboa podia ser o derradeiro refugio do mundo, mas infelizmente nem sequer é dado a alguem ser senhor de se esconder aqui.

Algum negociante infeliz, alguma familia empobrecida por transtornos da sorte, não conseguem em Lisboa evitar as vistas de dó ou desdem das pessoas que em tempos lhes invejaram o fausto e o luxo.

Lisboa acompanha-os, acotovela-os, cerca-os, encurrala-os.

Em Lisboa um homem que seja um pouco conhecido, não póde dar um passo sem que a cidade toda o fique sabendo.

Rotula, em theatro de uma terra d'estas!

Rotula!

Mas isso era o mesmo que dizer—*rotulo!*

Isto é:

—Em vez de não verem, reparem mais! Vão

esperar-nos á sahida, que nós não havemos de ficar cá dentro!...

Pelo genero de peças que alli se representam — e era occasião de empregar uma malicia, e attribuir o caso tambem um pouco ao temperamento dos accionistas, quem sabe? — o theatro da Trindade tem sido entre nós o mais parecido com o que se chama lá por fóra *theatro de mulheres*. Actrizes bonitas, e comparsas que não sejam inferiores ás actrizes; tal é o programma, que, n'um paiz como este em que as formosuras escaceiam, não póde, talvez, ser levado completamente a effeito.

E depois, para que?

A mulher de theatro em Portugal não tem prestigio.

É boa rapariga,—e isso a deita a perder.

As grandes tentadoras devem ser más, perigosas, frias, calculistas, devastadoras. Aliás, não são, não chegam a ser; é o que acontece ás nossas, que entre outras ratices têem, ás vezes, a da virtude. Com pequenos ordenados, rapidamente consumidos n'uma *toilette* mais caprichosa que alguma peça lhes exija, ganham strictamente, suadamente, o necessario para pôr a panella ao lume. Ainda isso ia bem, se os homens remedeiassem, pela sua dedicação e brios amorosos, o que possa faltar para aquella verba que os ignorantes chamam *superfluo* e que é na vida elegante, na vida de theatro, o necessario e indispensavel para que a voga e a attenção publica vivam presas a uma actriz.

O meu amigo leitor gosta de enthusiasmo?

Tambem ellas gostam. Mas o maganão cuida ás vezes ou finge cuidar que do que ellas gostam é do meu amigo, simplesmente, sem mais nada!

Oxalá!

Mas, não póde ser assim.

Os admiradores de actrizes, em terras de gente, dão-lhes joias, magnificos anneis e brincos, esmeraldas, diamantes, corôas de folhas de ouro; os amantes dão-lhes carruagens, casas de campo, papeis de credito, *et cœtera*.

Isso de ter actrizes *a sêcco*, é uma velleidade portugueza, que serve unicamente para as seccar a ellas. São boas, muito boas, desinteressadas, generosas, nobres, sinceras; mas tudo tem limites, é necessario tambem não as fazer Margaridas do «Fausto»; querer que ellas tenham em tal grau a ignorancia do luxo, é quasi que exigir-lhes, além da ignorancia de Eva, o ignorarem tambem Adão!

Quando a Trindade dá alguma nova magica, vê-se de subito um viveiro de raparigas, actrizes, coristas, comparsas.

As comparsas e as coristas creio que não são más. São boas as actrizes?

Os jornaes dizem que sim, e esse é o caso

Os jornaes têem ás vezes entre nós grande difficuldade para a apreciação das cousas theatraes: muitos jornalistas que escrevem ácerca dos espectaculos, traduzem peças para os theatros, e ficam por esse facto na necessidade de louvar irmãmente actores e actrizes. Mas, Deus lhes acuda! Iras e vaidades de gente de theatro são de tremer!

Dizia um homem que nunca se deve chamar o dono da casa de pasto para lhe fazer

queixa dos creados; porque elle, para contentar

o freguez, ralha com o moço, e o moço põe-se muito humilde e pede desculpa: mas, depois, em trazendo a uma pessoa o prato que se lhe

encommendou, vem a cuspir-lhe dentro pelo corredor adiante.

O unico meio é comer ovos na casca; e com o theatro nem esse meio ha:

Em um traductor fazendo queixa no jornal, ao publico, que é o verdadeiro dono d'aquella casa, de que os comicos lhe deitaram a obra a perder, está morto: se apparecer outra vez no palco, não cuspirão n'um prato, mas são capazes de lhe cuspir na cara, para maior *pratinho!*

É medonho.

Na sua qualidade de theatro de accionistas, a Trindade podia tirar d'esta circumstancia uma

especie de *claque* permanente, tanto mais valiosa que pagava em vez de ser paga. Mas o accionista é, por via de regra, um original: gosta de ir de graça ao seu theatro, e alugar camarotes nos theatros dos outros. Porque? *Che lo sà?* Quem entendeu jamais o accionista?

Bem sei que isto de *claque* em Portugal por emquanto é novo. Os *cavalheiros do lustre* não

se acoitam ainda bem n'este paiz sincero; e ha poucos annos ainda os artistas entravam em scena e sahiam sem perceberem que coisa era *claque*. A civilisação teve de metter n'isto a sua vara magica, e o progresso emprestou uma lamparina para allumiar os espiritos n'este dédalo.

— São precisos cavalheiros do lustre? perguntou o progresso.

— São!

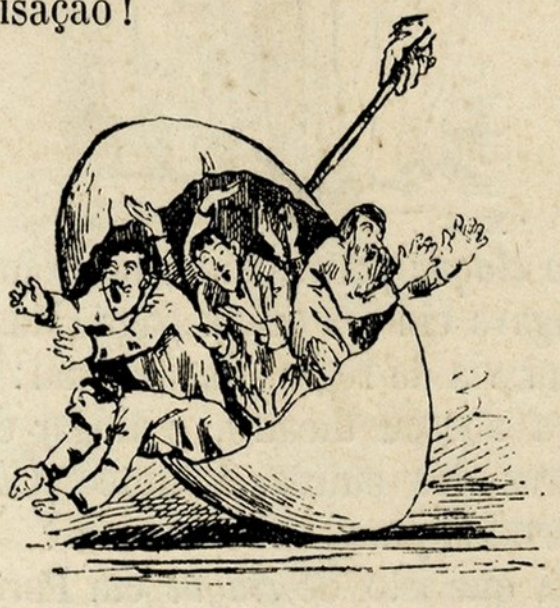
— Quantos cavalheiros do lustre?

— Muitos!

—Para sustentarem a empreza, dando o primeiro impulso de applausos aos bons artistas?

— Para se sustentarem a si, applaudindo apenas os que lhe pagarem!...

— Está dito! retrucou o progresso. Façam-se cavalheiros do lustre para dignidade do paiz e da civilisação!



E cavalheiros do lustre foram feitos.

A missão d'estes conspiradores, é cheia de subtilezas. Começa por se fazerem pagar... para estarem silenciosos. Continúa por se fazerem pagar... para não patearem. Termina por se fazerem pagar... para applaudirem!...

N'outros paizes teem um cognome pelo qual são igualmente conhecidos: — *romanos*, em referencia aos villões de Roma que ganhavam a sua vida pelos applausos com que accolhiam Nero, o qual tinha a pequice de cantar peior que o diabo e querer mais gloria que um cherubim!...

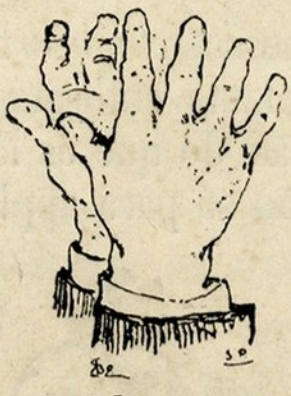
E depois, os nossos *claqueurs*, não se achando ainda devidamente enthronisados, precisam mais uma condição do que os lá de fóra, que é *estylo!* Estylo não só para applaudir, mas até,

mas sobretudo estylo... para escrever!... Porque, na difficuldade de organisarem um bom *Guia,* dirigem fogosas epistolas aos artistas estrangeiros que vem escripturados para S. Carlos, ostentam largas deducções logicas e certo talento mathematico nos ajustes, expõem as suas condições de empreiteiros... do grande edificio

dos triumphos,— e não se atrevem a ir pactuar com os compatriotas.

Sendo as palmas de estalo o genero que tem mais sahida no mercado theatral, um cavalheiro

de lustre que possua braço vigoroso e boa cha-



ve de mão, poderá pelo estrondo ganhar honestamente o pão para a sua familia, no dia em que se resolver a estabelecer os seus direitos com mais independencia e soberania do que pechinchar relesmente um bilhete de entrada todas as noites e achar tudo bom, só pela commodidade de se sentar de graça.

As *zarzuelas*, ás vezes, na Trindade, esfriam por falta de *bravo! bravo! bravo!*... Quanto peior se canta, mais numerosos são os applausos: é como nas salas, quando a menina do Dr.

Ramiro canta a aria da *Favorita*, ou a *Sombra ligeira* da *Dinorah*, ou qualquer coisa que lhe lembre pelo mais funesto dos successos. Ou rom-

per em palmas, ou torcer-se uma pessôa a rir.

Não é dizer que na Trindade se canta mal, e até considero pasmoso que artistas que nunca haviam cultivado os seus dotes vocaes possam desempenhar-se de tantas e tantas operetas, zarzuelas, operas-comicas. Elles não cantam mal, remedeiam. Fazem-me lembrar o leite que a gente bebe a bordo dos vapores inglezes. É um arranjo de agua com farinha, e algum leite, creio eu. Quando se diz ao moço:

—Isto não é leite, homem!

—*No. But it is a very fine substitute!*

Assim é isto. Não é propriamente cantar bem, mas é uma muito boa substituição!...

A sargenta-mór do catitismo da Trindade é sem questão a sr.ª

Rosa Damasceno

Vivaz, engraçada, com um pique de malicia.

N'outro genero, serena, grave, sympathica, e grandemente prendada de recursos vocaes, uma mulher formosa e esbelta, a sr.ª

Florinda

auxilia a parte lyrica do reportorio da Trindade cantando, todas as noites que Deus manda ao mundo, arias, romanzas, canções, sigadilhas, umas que estão no *spartito,* outras que os ensaiadores do theatro, directores de orchestra, compõem expressamente para aquella garganta bonita... por dentro... e por fóra.

Anna Pereira

O sentimento da ironia, que é ás vezes o segredo de grandes talentos, dá-se vagamente em Portugal, em qualquer das diversissimas manifestações do engenho.

Tudo, porém, obedece á lei das harmonias, — e é talvez um bem para os que exercem entre nós a profissão de ter graça, o não terem a ironia: o publico não lh'a acceitaria facilmente; não lh'a apreciaria nunca, e não lhes offereceria, mercê d'ella, o tributo da sua admiração.

A ironia é o riso intimo.

Tinha-a Voltaire no grau mais elevado: teve-a Heine, teve-a Méry.

Era o condão supremo de Carlos Dickens.

Foi em questões serias uma das forças de Proudhon.

D'ella viveu Marianno Larra em artigos admiraveis.

Em Portugal, Castilho, Camillo Castello Branco, Teixeira de Vasconcellos; em proporcões mais ligeiras, mais subtis, Ricardo Guimarães.

Porque motivo conserva a memoria tantas vezes ingrata e infiel dos leitores o nome e a data dos escriptores grosseiros, de preferencia aos dos talentos mais finos e mais distinctos, senão por nunca entenderem bem estes, e encontrarem aquelles ao nivel da sua comprehensão, dos seus instinctos, e da sua maneira de vêr e de julgar?

As graças pesadas, grossas como predios, de José Agostinho de Macedo, representam ainda hoje o ideial chistoso do dizer portuguez. No theatro as tiradas mediocres, inchadas, ridiculamente pomposas, logram sempre das platéas a estima e o applauso que as ideias subidas, as intenções, a malicia, os conceitos, dfficilmente alcançam ou não conseguem obter.

No jornalismo, onde a ironia tinha tão largos horisontes para se inspirar, não a encontrâmos nunca. Latino Coelho, nos tempos agitados do *Pharol*, sentiu-a e amou-a; Bernardino Martins, no antigo *Supplemento burlesco ao Patriota*, ain-

da que em condições menos litterarias, fel-a valer por vezes. Lopes de Mendonça fez d'ella uma harpa, e, ora nas *Recordações de Italia* sorrindo, ora nas *Memorias de um doido* chorando, ora nos folhetins punindo, vibrou-lhe todas as cordas, tirou d'ella todos os sons.

Mais tarde vieram os jornaes sem jornalistas; o *Peneireiro* e o *Asmodeu;* a injuria começou a ser graça. Injuria sem indignação, sem folego de ira, sem o despeito melancholico que inspira a veia dos Juvenaes: injuria baixa e estupida, graça desenxabida, rasteira, tediosa.

A ironia fechou as azas, — para só as abrir alguma vez nas conversações do mundo. Hoje, quem quer encontral-a vae procurar Thomaz de Carvalho, ou Carlos Bento.

No tablado annunciou-se um momento: chegámos a vêl-a, agil, esperta, picante, audaz; verdadeira de umas vezes, brilhando da sua luz e da sua originalidade, de outras um pouco indecisa, com as feições um pouco mais graves, a voz um pouco mais pesada, e servindo-se das azas... para andar, como as perdizes. Chama-se Anna Pereira.

As outras teem talento, podem ter talento — tres ou quatro o teem decerto, mas não teem malicia, não teem a veia do riso, do gracejo, da ousadia, não teem a doçura na galhofa, as lagrimas risonhas, a solemnidade na chacota, o gracejar eloquente, — a ironia!...

Anna Pereira é fadada para as scenas de capricho, de gracejo, e de phantasia. É a actriz do reportorio de Offenbach; são suas aquellas musas modernas de chapeusinhos com guizos e vestidos que envolvem o mundo nas pregas da cauda; todas aromas e gargalhadas!

O grande sestro da caturreira lusitana tem feito gritar por muitas vezes contra o escandalo de estar a sr.ª

Delphina

n'um theatro de tão pouco ambicioso reportorio. Francamente, a mim sempre me pareceu que em a sr.ª Delphina divertindo o publico, quer fosse no Rocio quer na Trindade, estava cumprida a

sua missão. A arte, a arte, a arte! diz o povo ao lon-

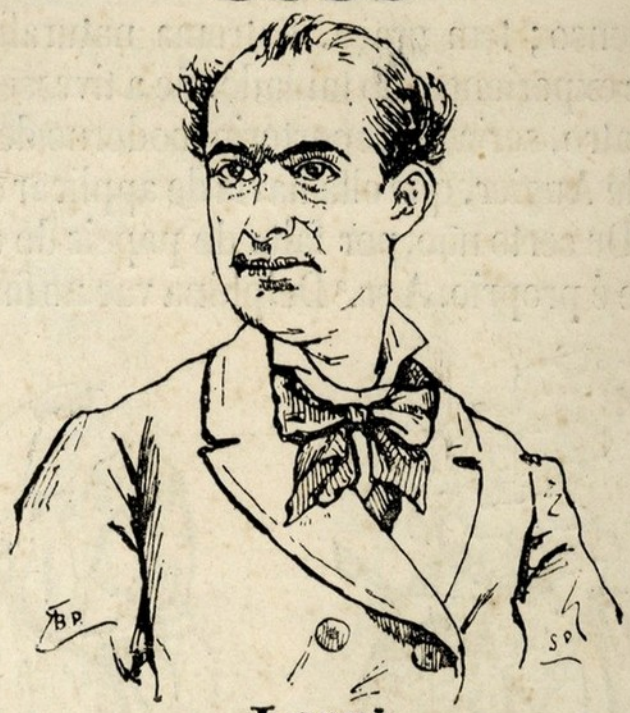
ge. Bem sei. A arte é o que ella faz na Trindade,

quando tem papel; a arte para ella é a eschola do

bom senso; tem graça, extrema naturalidade, e grande experiencia do tablado. Se a tivessem n'outro theatro, seria no reportorio moderno de Dumas filho, de Augier, que ella havia de applicar o seu talento? De certo não, por falta de papeis do caracter que lhe é proprio. A sr.ª Delphina vae no fim d'uma

carreira gloriosa, e tem conseguido atravessal-a sem dissabores com a imprensa. Por muitas vezes se tem questionado o talento da sr.ª Emilia das Neves; o da sr.ª Delphina não se poz nunca em duvida. Diga-se tambem a inteira verdade: o quanto uma artista póde ser irreprehensivel na esphera e condições do genero que escolheu, tem-o sido sempre esta.

Ha na Trindade um actor notavelmente perspicaz:



Leoni

Tem phisionomia de financeiro mais do que de artista; não se adivinha ao vel-o que seja homem

de theatro; mas ninguem diz com mais acerto as

graças e os chistes de um papel comico, sem descair nunca

em grosseria, sem se deixar tentar pelo *chavão*,

o *chavão* seductor por excellencia em tudo nos nossos dias, nas lettras, na politica, nas artes...

De uma occasião a fada que visita no berço os meninos, perguntou a

Augusto

ainda envolto nas faxas infantis:

— Ó menino, tu hasde gostar da virtude?

— Nhã..., guinchou o pequeno.

— E do heroismo? E do amor da patria? E do ciume á bruta, o ciume de Othello, de dar cabo da femea em tendo *ferro* amoroso?

— Nhã!...

— E da moral pacata, a dos pais nobres, dos maridos dignos, dos anciãos venerandos?

— Nhã!...

— É boa! disse a fada. De nada d'isto te pa-

rece que hasde vir a gostar! E da patuscada? da brincadeira? da reinação?

—Him!... berrou com gosto o innocente.

—Ah! D'isso sim, hem? Da alegria, da mocidade, de tudo que respire a folia?

—Him!...

—Nada então de drama nem de tragedia?

—Nhã!...

—Ah! Tudo comedia. Comedia e farça. O grande divertimento.

Dançar,

rir,

cantar,

folgar?

— Him!...

— Ter graça, emfim, que é o caso. Já vejo que não queres ser um semsaborão, um triste, um centro, um assassino...

— Nhã!...

— Queres ser um rapaz catita, engraçado, sympathico sem affectação nem pieguice, mais homem do que galã, um pimpão bem parecido, a quem o publico queira bem e que em certos papeis seja o mais estimavel...

— Him!...

— Pois é o que has de ser!

E é.

João Rosa

Poderia dizer-se-lhe:

— Tão novo, e já filho de seu pai!

Actor fino, actor intelligente, estudioso, grandemente e since-

ramente applicado; actor em quem se sentem os progressos, a diligencia de ir a melhor, o esfor-

ço intelligente para o conseguir, — e muitas vezes o resultado feliz de o alcançar.

Os galãs de theatro teem concorrido para desencantar as senhoras do amor e da seducção, e teem sido vivo testemunho de que nem sempre ha bom vinho onde está ramo á porta. Ao lado d'elles ás vezes, está em scena algum que não tem officio de galã e que é mais inspirador, mais attrahente que elles.

São excepção a esta penuria de ares tentadores:

Augusto Rosa

Brazão

O primeiro é um adolescente; uma aurora; a primeira carta d'amores,

o primeiro sorriso á vida,

o primeiro devaneio da mocidade, o balbuciar da paixão, a creança que principia a ser homem, o

namoro dos dezeseis annos, o cadete,

o estudante, o pagem: Cherubim!

O segundo é a

vida airada, a travessura, a gaiatice, o *reinadio*, o catita, o pimpão de estreia,

o namorista esbelto,

a malicia amorosa, o bragante que traz o sentido nas moças, a inconstancia agradavel, o en-

contro da primeira ruga com as primeiras folias,

a paixonêta facil, o lidar no nada,

a alegria do acaso, a vida de aventura, o amor pelas bellas e pelo bilhar,

D. João de quinzena!

Citemos só

Ribeiro

Quando tratarmos da Rua dos Condes, teremos de demorar-nos com este artista notavel; e com outro:

Queiroz

Que tem sido merecidamente um dos sustentaculos da Trindade, mas que foi por si só durante annos na Rua dos Condes a columna do templo.

Costumam os jornaes, quando morre ou se ausenta de nós algum luminar dos que andam na voga, d'esses de quem nunca se cita o nome a proposito de qualquer coisa sem o acompanhar de algum dos melhores epithetos, *esclarecido, festejado, illustre, intelligencia robusta, nosso honrado amigo, etc. etc.*, romper em grandes phrases commemorando a sua falta.

Assim tambem, e por seguirmos tão nobre exemplo, devemos diligenciar o encontrar esse dizer pomposo ao referirmo-nos a

Cunha Moniz

que foi ensaiador da Trindade, e muito bom en-

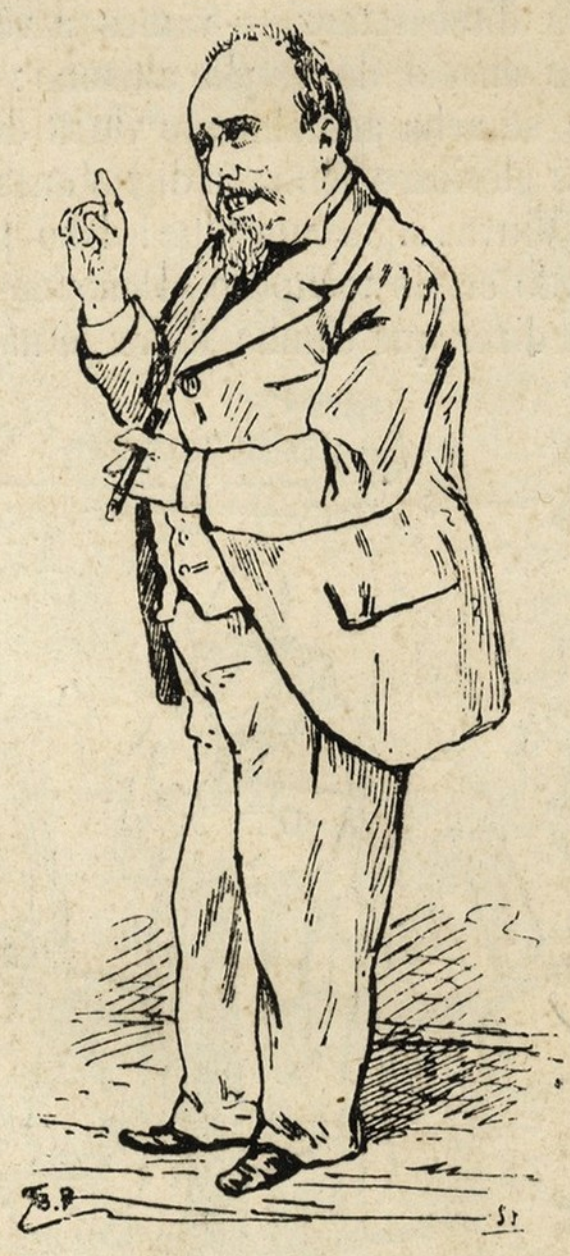
saiador, culto, intelligente, activo, alegre.

Se nós dissessemos, — vamos a vêr se sáe bom este ensaio do estylo altisono: — que a Trindade se acha actualmente viuva de um dos seus mais gloriosos filhos, o digno ensaiador...

Mau! Viuva... de um filho! Não presta. E' o perigo do estylo pomposo. Deixemo-nos d'isso. Basta dizer que Cunha Moniz já não perten-

ce ao theatro da Trindade.

No modo de dizer está talvez o principal segredo da finura de



Francisco Palha

Tem a habilidade de fazer passar a lingua por uma filtração. Conseguiu a pouco e pouco essa operação mysteriosa; as linguas transformam-se ás

vezes pelos annos e pelos homens, pela multidão e pelos litteratos, pelos acontecimentos e pelos livros, pelos costumes e pelas ideias: mas um homem só, armar a lingua portugueza, douta, positiva, e grave, em lingua leve e jovial, dando-lhe tom chistoso e gaiato, proprio de *sainete*, tem mais que se lhe diga!

A lingua portugueza é excellente; ninguem diz o contrario, — escusam de estar já a franzir

o sobrolho para esta pagina. E' uma lingua que anda bem a pé, direita ao seu fim, magestosa e campanuda, com seu pennacho de methaforas, girando com largueza em redór da ideia como aquelles carros puxados a oito que apparecem a dar a volta no Circo Price; mas elle fal-a elastica, facil de atar e desatar, á mercê da brincadeira; e encontrou-lhe mil expressões risonhas, que lá estavam no fundo natural d'ella sem a gente haver dado por isso.

A traducção do *Barba-azul*,—sem irmos ago-

ra á *Fabia*, que já fica longe — é um primôr de pilheria, graciosa malicia, chistes pittorescos, em que o riso a poder de espontaneidade chega por algum modo a dar-se bem com a poesia. Ergue-se o panno para o 1.º acto, e o pastor diz logo para explicar que está a amanhecer:

— «Já lá vem a aurora a deitar a cabecinha de fóra!»

Esta é a primeira phrase; pela peça adiante o mesmo estylo sempre, o mesmo sabor, a mesma graça caracteristica.

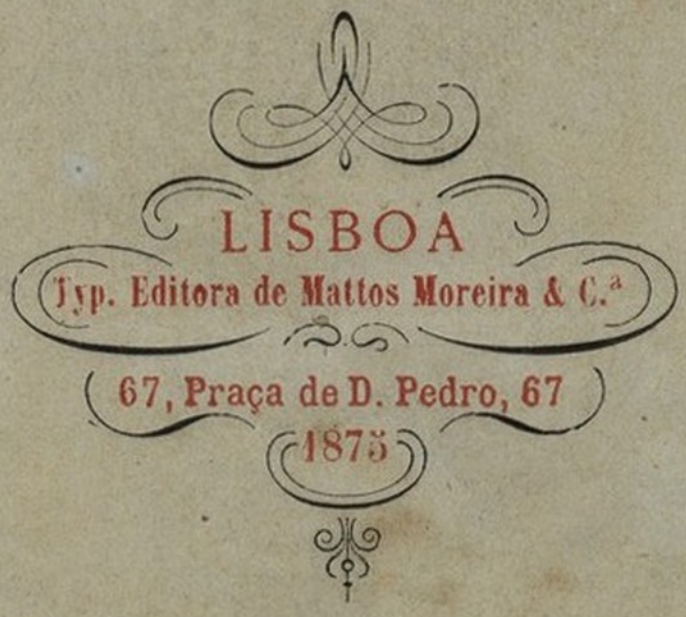
Depois, Francisco Palha é um homem de lettras; não passou toda a sua vida na caixa dos

theatros; estudou uns poucos de annos, apren-

deu nos livros e nas escolas, e foi durante algum tempo poeta delicado, escriptor de boa nota. Ha quem lhe não perdôe haver feito a *Fabia* e a *Morte de Catimbau;* os que se queixam d'isso, estranham provavelmente que elles com as suas obras sizudas nunca houvessem conseguido que ellas lhes rendessem ao menos um pataco por cada abrimento de boca de quem as lê ou as ouve, e que elle com essas ratices e com as do *Andador das almas* se haja regalado de ganhar dinheiro. Teem talvez razão; o ter graça, vale pouco: mas não deixa assim mesmo de ser uma prenda de estimação, quan-

do a gente pensa que é a unica coisa que os semsaborões não podem ter!...

BIBLIOTECA POPULAR DE LISBOA


LISBOA
Typ. Editora de Mattos Moreira & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1875